

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

*NORMA E USOS*  
NA LINGUAGEM FALADA EM FORTALEZA

SANDRA HELENA NUNES SALES

FORTALEZA – 2004

SANDRA HELENA NUNES SALES

*NORMA E USOS*  
NA LINGUAGEM FALADA EM FORTALEZA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Maria do Socorro Silva de Aragão

FORTALEZA – 2004

Esta Dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística como parte dos requisitos necessários à obtenção do Grau de Mestre em Lingüística, outorgado pela Universidade Federal do Ceará, e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca de Humanidades da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho da Dissertação é permitida, desde que seja de acordo com as normas científicas.

---

Sandra Helena Nunes Sales

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Socorro Silva de Aragão  
Universidade Federal do Ceará – UFC

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Elias Soares  
Universidade Federal do Ceará – UFC

---

Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes  
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Dissertação aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

A **Deus**, o autor da vida, que sempre me concedeu bênçãos maravilhosas, tais como: meu enlace matrimonial com **Rivelino de Sousa Câmara**, ser de incomensurável valor; o nascimento de **Cecília Hélen Nunes Câmara**, razão pela qual realizo mais este sonho; e a admirável dedicação da Sra. **Rita Maria Reis da Silva** à minha filha nos instantes de minha ausência, assumindo muitas vezes *o papel de mãe*.

Aos meus familiares, em especial, aos meus pais **Raimundo Escóssio Sales** e **Maria José Nunes Sales** (*in memorian*), com quem aprendi a valorizar *as pequenas coisas*.

Ao *amigo das horas difíceis*, **Kercyo Diniz Fernandes**, que me instruiu na elaboração dos gráficos e das tabelas necessários à análise quantitativa dos dados.

À **Prof<sup>ª</sup>. Hila Maria Rodrigues Bernardes**, Diretora Administrativa da Escola de Ensino Fundamental Maria Roseli de Lima Mesquita, que me possibilitou conciliar meu horário de trabalho com o de estudo no período de março/2001 a maio/2003, quando na referida instituição lecionei como funcionária pública municipal.

À **Prof<sup>ª</sup>. Ana Elizabeth Pordeus Carvalho**, Diretora Pedagógica do Colégio da Polícia Militar do Ceará, onde lecionei como funcionária pública estadual, no período de janeiro/2001 a dezembro/2004, e ao **Capitão Carlos Antônio Paulino de Sousa**, Coordenador Pedagógico do Ensino Médio da supracitada instituição, que prontamente atenderam às minhas solicitações nos momentos decisivos do Mestrado.

À **Prof<sup>ª</sup>. Amélia Soares de Almeida Landim**, Diretora Administrativa do Colégio Estadual Liceu do Ceará, onde leciono como funcionária pública estadual, por também contribuir para o sucesso de minha Dissertação quando do meu afastamento de sala de aula.

À **FUNCAP** (Fundação Cearense de Amparo à Pesquisa), por me conceder um ano de bolsa de estudo ao ingressar no Mestrado.

À estimável amiga e orientadora **Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Maria do Socorro Silva de Aragão**, cujo apoio foi imprescindível e determinante para a concretização deste trabalho, graças ao seu estímulo, à sua dedicação, paciência e competência profissional.

Às **Profas. Dras. Ana Cristina Pelosi Silva de Macedo, Bernardete Biasi Rodrigues, Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin, Lorita Marlena Freitag Plagliuca, Márcia Teixeira Nogueira e Maria Elias Soares**, que possibilitaram meu reingresso ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, após algumas intempéries de ordem pessoal.

À **Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Ângela Maria Matos Mesquita** que, com sua sapiência e humildade, traduziu o resumo de minha Dissertação para o Francês.

À **Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Nadja da Costa Ribeiro Moreira**, inesquecível por seu profissionalismo e seus ensinamentos, sobretudo nos Projetos de Iniciação Científica, no Curso de Especialização em Leitura e Escrita (na condição de orientadora), bem como no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará.

Enfim, a todos os amigos que, direta ou indiretamente, acreditaram em mim e tomaram para si este sonho, sobretudo a **Dulcilene Rodrigues da Silva Barreto, Kécia Maria Mendes Carneiro** e aos que fazem parte do **Círculo Amarelo do ECC** (XV Encontro de Casais com Cristo de Antônio Bezerra), que me fortaleceram na fé e no amor, não me permitindo desanimar diante dos percalços desta jornada.

**AGRADEÇO *ab imo corde.***

## *AULA DE PORTUGUÊS*

*Carlos Drummond de Andrade*

*A linguagem  
na ponta da língua  
tão fácil de falar  
e de entender.*

*A linguagem  
na superfície estrelada de letras  
sabe lá o que ela quer dizer?*

*Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,  
e vai desmatando  
o amazonas de minha ignorância  
Figuras de gramática, esquipáticas,  
atropelam-me, aturdem-me, seqüestram-me.*

*Já esqueci a língua em que comia,  
em que pedia para ir lá fora,  
em que levava e dava pontapé,  
a língua, breve língua entrecortada  
do namoro com a prima.*

*O português são dois; o outro, mistério.*

## RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise comparativa quanto ao emprego dos pronomes *tu/você*, *a gente/nós* e dos verbos *assistir* e *ir* (regidos ou não de preposição) na linguagem falada em Fortaleza, em que procuramos identificar os fatores (lingüísticos e/ou extralingüísticos) que influenciam as escolhas lexicais e sintáticas feitas pelos fortalezenses e examinar quais variáveis lingüísticas se configuram como *casos de norma* (de emprego majoritário) e *casos de uso* (de emprego minoritário). Para tanto, selecionamos 24 sujeitos: 14 do PORCUFORT – *Português Oral Culto de Fortaleza* (Código C1) e 10 do *corpus* “A linguagem falada em Fortaleza – Diálogos entre Informantes e Documentadores – materiais para estudo” (Código C2), sendo que os do primeiro *corpus* possuem nível superior completo, com faixa etária que varia de 25 a 67 anos; e os do segundo *corpus*, 1º ou 2º Grau (in)completo, com faixa etária que varia de 14 a 39 anos. Pela interpretação dos resultados, concluímos que a priorização de uma variável lexical e de uma sintática em detrimento de outra(s) se faz de acordo com o contexto sócio-interacional /pragmático, em especial devido à maneira como a entrevista se dá em cada *corpus* (ao tipo de registro), a uma “motivação temática” e ao papel desempenhado tanto pelo documentador quanto pelo informante no processo interativo; e não de acordo com o que é prescrito pela tradição gramatical como “bom uso” ou “uso correto” da língua. Assim, concernente às variantes lexicais e sintáticas, respectivamente, configuram-se como *casos de norma*: *você / a gente* (ambos com verbo na 3ª pessoa do singular); *assistir+objeto direto* e *ir, com omissão do complemento de lugar*, em detrimento das “formas padronizadas” pela tradição gramatical: *tu* (com verbo na 2ª pessoa do singular); *nós* (com verbo na 1ª pessoa do plural); *assistir+objeto indireto* e *ir+A ou PARA+complemento de lugar*. Por conseguinte, estas, juntamente com as formas verbais: *assistir*, com omissão do complemento verbal; *ir+complemento de lugar* (sem preposição) e *ir+EM+complemento de lugar*, são tidas como *casos de uso* na linguagem falada em Fortaleza.

Palavras-chave: falar de Fortaleza; análise comparativa; *casos de norma*; *casos de uso*.

## RÉSUMÉ

Ce travail fait une analyse comparative concernant l'emploi des pronoms *tu / vous, on / nous* et des verbes *assister* et *aller* (demandant ou non la préposition) dans le langage parlé à Fortaleza, où nous avons cherché à identifier les faits (linguistiques et/ou extralinguistiques) qui influent aux choix lexicales et syntactiques du peuple de Fortaleza et observer les variables linguistiques qui se présentent en tant que *cas de norme* (d'emploi majeur) et *cas d'usage* (d'emploi mineur). Pour ce, nous avons sélectionné 24 informants: 14 du PORCUFORT – *Portugais Oral Culte de Fortaleza* (Code C1) et 10 du *corpus* « Le langage parlé à Fortaleza – Dialogues entre Informants et Documentateurs – matériaux d'étude » (Code C2), vu que ceux du 1<sup>er</sup> *corpus* sont de niveau supérieur complet, où leur âge varie de 25 à 67 ans, et ceux du 2<sup>ème</sup> *corpus* sont du premier ou du second degré complet et/ou incomplet, où leur âge varie de 14 à 39 ans. L'interprétation des résultats a démontré que la priorité d'une variante lexicale et d'une variante syntactique, au détriment d'autre(s), a lieu selon le contexte socio-interactionnel / pragmatique, spécialement en ce qui concerne la réalisation de l'interview de chaque *corpus* (selon le type d'acte de parole), la « motivation thématique » et le rôle joué aussi bien par le documentateur que par l'informant dans le processus interactif; et non pas par rapport à ce qui est déterminé par la tradition grammaticale, en tant que « bon usage » ou « usage correct » de la langue. Ainsi, en ce qui concerne les variantes lexicales et syntactiques, respectivement, se présentent comme *cas de norme*: *vous / on* (ayant tous le verbe à la 3<sup>ème</sup> personne du singulier); le verbe *assister* + *objet direct* et *aller* sans complément de lieu, au détriment des « formes usuelles » selon la tradition grammaticale; *tu* (verbe à la 2<sup>ème</sup> personne du singulier); *nous* (verbe à la 1<sup>ère</sup> personne du pluriel); le verbe *assister* + *objet indirect* et *aller* + *À* ou *POUR* + complément de lieu. De ce fait, ces dernières, aussi que les formes verbales: *assister*, avec omission du complément verbal; *aller* + *complément de lieu* (sans préposition) et *aller* + *EN* + *complément de lieu*, paraissent en tant que *cas d'usage* dans le langage parlé à Fortaleza.

Mots-clefs: parler de Fortaleza, analyse comparative, *cas de norme*, *cas d'usage*.



## ÍNDICE DE QUADROS E GRÁFICOS RELATIVOS AOS DOIS *CORPORA*

QUADRO 01	– Distribuição dos sujeitos por faixa etária, sexo e grau de instrução em C1.	26
QUADRO 02	– Distribuição dos sujeitos por faixa etária, sexo e grau de instrução em C2.	27
GRÁFICOS 01 E 02	– Frequência, em valores absolutos e percentuais, das variantes lexicais <i>tu</i> e <i>você</i> em C1 e em C2.	32
GRÁFICOS 03 E 04	– Frequência, em valores absolutos, das variantes lexicais <i>tu</i> e <i>você</i> , em relação aos informantes e aos documentadores, em C1 e C2.	33
GRÁFICOS 05 E 06	– Frequência, em valores percentuais, dos sujeitos (ambos os sexos) quanto ao emprego do pronome <i>você</i> em C1 e C2.	33
GRÁFICOS 07 E 08	– Distribuição do pronome <i>você</i> , em valores absolutos, de acordo com o nível escolar e a faixa etária dos sujeitos em C1 e C2.	35
GRÁFICOS 09 E 10	– Frequência, em valores absolutos, dos MC's representativos da forma pronominal <i>você</i> (não-explicita) nos dois <i>corpora</i> .	40
GRÁFICOS 11 E 12	– Frequência, em valores absolutos e percentuais, das variantes lexicais <i>a gente</i> e <i>nós</i> em C1 e em C2.	43
GRÁFICO 13	– Distribuição da expressão <i>a gente</i> , em valores absolutos, de acordo com a faixa etária e o nível escolar dos informantes nos dois <i>corpora</i> .	44

GRÁFICO 14	– Distribuição, em valores percentuais, do número de ocorrências da expressão <i>a gente</i> , de acordo com o sexo dos informantes, em ambos os <i>corpora</i> .	45
GRÁFICOS 15 E 16	– Frequência, em valores absolutos, da expressão <i>a gente</i> em C1 e em C2, de acordo com o(s) interlocutor(es) a que se refere.	47
GRÁFICOS 17 E 18	– Frequência, em valores absolutos, do verbo <i>assistir</i> em relação aos complementos verbais em C1 e C2.	55
GRÁFICO 19	– Frequência, em valores absolutos, do verbo <b>assistir</b> , de acordo com o nível escolar e a faixa etária dos informantes, em ambos os <i>corpora</i> .	58
GRÁFICO 20	– Frequência, em valores absolutos, do verbo <b>assistir</b> , de acordo com o sexo dos informantes, em ambos os <i>corpora</i> .	59
GRÁFICO 21	– Frequência, em valores absolutos, do verbo <b>ir</b> de acordo com sua regência verbal, em ambos os <i>corpora</i> .	61
GRÁFICO 22	– Frequência, em valores absolutos, do verbo <b>ir</b> , de acordo com o nível escolar e a faixa etária dos informantes, em ambos os <i>corpora</i> .	62
GRÁFICO 23	– Frequência, em valores absolutos, do verbo <b>ir</b> , de acordo com o sexo dos informantes, em ambos os <i>corpora</i> .	66

## SUMÁRIO

RESUMO .....	6
RÉSUMÉ .....	7
QUADROS E GRÁFICOS .....	8
INTRODUÇÃO .....	11
CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	14
1.1. Estudo da norma – momentos históricos .....	14
1.1.1. A herança greco-latina .....	14
1.1.2 A norma na tradição dos gramáticos .....	15
1.1.3. A concepção de norma segundo alguns lingüistas .....	18
CAPÍTULO II – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	24
2.1. Delimitação dos <i>corpora</i> .....	24
2.2. Sujeitos da Pesquisa .....	26
2.3. Levantamento e fichamento dos dados .....	27
2.4. Definição operacional das variáveis .....	28
2.4.1. Variáveis Lingüísticas .....	28
2.4.2. Variáveis Extralingüísticas .....	29
CAPÍTULO III – ANÁLISE E RESULTADOS .....	30
3.1. Variantes lexicais analisadas .....	31
3.1.1. Tu / Você .....	31
3.1. 2. A gente / Nós .....	43
3.2. Variantes sintáticas analisadas .....	53
3.2.1. Verbo Assistir .....	53
3.2.2. Verbo Ir .....	59
IV. CONCLUSÃO .....	67
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA .....	71
ANEXO(S) .....	74

## INTRODUÇÃO

Diante da leitura de diferentes pesquisas desenvolvidas no Brasil, relativas à variação lingüística, mais especificamente à linguagem falada, procuramos investigar, em uma perspectiva sociolingüística, até que ponto determinadas realizações lingüísticas, isto é, os pronomes tu/você, a gente/nós e os verbos assistir e ir (regidos ou não por preposição), são constantes (quando constituiriam casos de *norma*) ou variáveis (quando seriam apenas *usos*) na linguagem falada em Fortaleza, tendo por referencial o trabalho de Leite (1998), intitulado “Língua falada: uso e norma”, conforme mencionamos no Capítulo II – Procedimentos Metodológicos.

Nesse sentido, procuramos mostrar que, na linguagem falada em Fortaleza, os fortalezenses fazem suas escolhas lexicais e sintáticas coerentemente com a situação comunicativa, ao invés de se prenderem ao que é estabelecido gramaticalmente como “padrão”. Tal meta suscitou os seguintes questionamentos:

1. Que variáveis lingüísticas são priorizadas pelos falantes fortalezenses nos dois *corpora*?
2. Que fatores (lingüísticos e/ou não-lingüísticos) influenciam as escolhas feitas pelos falantes de Fortaleza?
3. Relativamente às escolhas feitas, quais consideramos *casos de norma* e *casos de uso*?

Com o intuito de responder às questões acima, estabelecemos as seguintes hipóteses:

a) Quanto às variantes lexicais *tu* e *você*, destacar-se-á *você*, seguida de verbo na 3ª pessoa do singular, por se tratar de um diálogo entre informante(s) e documentador(es), ainda que a forma pronominal *tu*, seguida de verbo na 3ª pessoa do singular, seja bastante comum na linguagem falada em Fortaleza.

b) Em relação às variantes lexicais *nós* e *a gente*, destacar-se-á *a gente*, seguida de verbo na 3ª pessoa do singular, por ser uma forma pronominal “inovadora” tanto entre os mais jovens quanto os mais idosos.

c) Concernentemente às variantes sintáticas *assistir*, no sentido de “presenciar / estar presente” e *ir*, no sentido de “dirigir-se a algum lugar”, os fortalezenses priorizarão as regências: *assistir*, seguido de objeto direto (explícito ou não), e *ir*, seguido de complemento circunstancial de lugar precedido da preposição *em*, por serem bastante comuns na linguagem espontânea de Fortaleza.

d) Tendo em vista as escolhas lingüísticas feitas pelos fortalezenses, as variantes *você* e *a gente*, ambas seguidas de verbo na 3ª pessoa do singular; *assistir*, seguida de objeto direto, bem como *ir*, regida pela preposição *em*, serão tidas como *casos de norma* (de emprego majoritário) na linguagem falada em Fortaleza em relação às demais realizações, de emprego minoritário, que serão tidas como *casos de uso*.

e) As escolhas lingüísticas feitas pelos fortalezenses sofrerão mais influência de fatores extralingüísticos (idade e sexo dos sujeitos; situação comunicativa/tipo de registro; relação estabelecida entre os *interactantes* e uma possível motivação temática) do que de lingüísticos.

Para testar tais hipóteses, estabelecemos uma análise comparativa entre os dados de 15 inquéritos do C1 e 10 do C2, perfazendo um total de 25, cujos sujeitos são 24: 14 do primeiro, com faixa etária que varia de 25 a 67 anos e com nível superior completo, e 10 do segundo, com faixa etária que varia de 14 a 39 anos, tendo 1º ou 2º Grau (in)completo.

Este estudo se encontra estruturado em cinco distintas unidades, assim ordenadas:

Na introdução, delimitamos o assunto de nossa pesquisa e explicitamos nosso principal objetivo, os problemas, as hipóteses levantadas e os assuntos abordados nos demais capítulos.

No primeiro capítulo, tendo por base a obra de Bagno (2001), comentamos a respeito da “herança greco-latina” referente à concepção de norma; a norma na tradição dos gramáticos; como alguns lingüistas, inclusive Labov, concebem a norma, com ênfase na concepção sociolingüística, devido ao enfoque dado a este estudo.

No segundo capítulo, tendo em vista as razões pelas quais desenvolvemos esta pesquisa, os problemas e as hipóteses levantadas, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados, a saber: a delimitação dos *corpora*, os sujeitos da pesquisa, o

levantamento e fichamento dos dados, bem como a definição operacional das variáveis lingüísticas e extralingüísticas.

No terceiro capítulo, pormenorizamos a análise e os resultados de nossa pesquisa quanto às variantes lexicais *tu/você*, *a gente/nós* e às variantes sintáticas: verbos *assistir*, no sentido de *presenciar / estar presente*, e *ir*, no sentido de *dirigir-se a algum lugar*, com base no paralelo estabelecido entre os *corpora*, nas hipóteses levantadas e nos propósitos deste trabalho.

Ao final, apresentamos conclusões resumitivas quanto às realizações lingüísticas que se configuram como *casos de norma* e como *casos de uso* na linguagem falada em Fortaleza, ou seja, os pronomes *tu/você*, *a gente/nós* e os verbos *assistir* e *ir* (regidos ou não de preposição), procurando integrar os distintos momentos da análise.

Esperamos, pois, ser este mais um trabalho a contribuir para o estudo da linguagem falada, sobretudo em Fortaleza, e que, a partir deste, novos estudos comparativos possam ser desenvolvidos, visto que *a língua é um processo e está propensa, sobretudo na sua forma falada, a influências socioculturais peculiares a cada comunidade lingüística*.

## CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.1. Estudo da norma – momentos históricos

#### 1.1.1. A herança greco-latina

Segundo os lingüistas Casevitz e Charpin (2001), ainda que na Grécia houvesse uma grande diversidade dos falares e das línguas, cuja variação vocabular exercesse grandes influências na literatura grega, havia entre os falantes gregos um sentimento de unidade da língua, primeiro, por ser o falar grego comum a todas as cidades, acontecendo o mesmo com o alfabeto, apesar de sutis diferenças, e, segundo, por existir entre os gregos um sentimento de comunidade, no que diz respeito à religiosidade e ao patrimônio literário conservado pelo ensino, e, conseqüentemente, “um sentimento lingüístico”, resultando “na consciência de certa regularidade gramatical”.

Mediante observação de traços regulares na língua (relação dos nomes com a realidade das coisas), os sofistas, depois os gramáticos, definiram normas/regras para o uso da língua, tendo-a como único objeto de estudo mediante criação de uma gramática normativa, “utilitária”. Havia entre eles uma preocupação com a eloqüência, com a correção da forma, idéia reforçada pelos filósofos, dentre os quais se destacavam Plantão e Aristóteles.

“Somente a partir da época helenística e da unificação do mundo grego, sob a direção macedônica”, foi que se criou uma “gramática normativa autêntica”; por conseguinte, uma língua comum a todas as cidades gregas. Como os falantes não eram apenas gregos, mas estrangeiros, surgiram duas tendências: uma que se baseava nos oradores e escritores clássicos (“norma de uma língua correta a ser observada, descrita e conservada”) e outra que se baseava na língua falada, surgindo então estudos diferenciados sobre a fala e a escrita.

Em uma perspectiva latina, a norma se baseava em constatações empíricas, de modo a estabelecer “o caráter invariável e social da língua” e a eliminar a idéia de “evolução histórica”, impondo como regra o “uso da boa sociedade”, das pessoas cultas e dos antigos escritores. Logo, em sua maioria, as gramáticas latinas anularam o teor científico dos grandes sistemas filosóficos gregos, ficando seus estudos restritos a

isolados aspectos lingüísticos, como por exemplo, à fonética, à retórica (principalmente à dicção), à correção e eventualmente à versificação. Enfatizavam-se, porém, as partes do discurso: artigos e preposições (termos de ligação), nomes, vocábulos ou apelativos, pronomes, participios, verbos e advérbios. Acreditava-se que a regularização organizacional do discurso era idêntica à do espírito e, eventualmente, à do mundo, o que implicava dizer que, na Antigüidade, a verdadeira sintaxe pertencia às coisas ou ao pensamento, podendo assim outras ciências “definir as regras da gramaticalidade”. Os gramáticos concederam, portanto, à norma um caráter extralingüístico.

### 1.1.2. A norma na tradição dos gramáticos

Consoante Padley (2001), as primeiras gramáticas das “línguas vivas” calcavam-se em modelos voltados à descrição do latim, prescrevendo como “correto” o uso dos “melhores autores”, principalmente de Quintiliano e Cícero, de modo a reforçar o caráter latinizante e conservador das primeiras tentativas da “gramática humanista”. Na tradição dos gramáticos, a noção de norma tinha, pois, um caráter descritivo-teórico e se baseava sobretudo na tradição latina herdada de Donato e Prisciano, conforme também defenderam os italianos Perotti (1464) Sulpizio (1475). Dentre as primeiras gramáticas, destacaram-se: *Introductiones Latinae*, de A. Nebrija (na Espanha); *Commentarii grammatici*, de Despautère (na França); A gramática latina de Melanchthon (na Alemanha) e *Shorte Introduction of Grammar*, de W. Lily (na Inglaterra).

Entretanto, a partir de Meigret, observou-se uma certa recusa do modelo latino e uma valorização da gramática com base no uso, preconizando-se regras “traçadas sobre o uso e modo de falar” dos “homens bem instruídos”. Ainda que começassem a abandonar o aspecto teórico da norma latina, continuaram usando os quadros da gramática latina e repetiram as definições de Donato e Prisciano. Na língua inglesa, por exemplo, J. Wallis foi o primeiro gramático a contestar o modelo latino. Embora admitisse serem as partes do discurso as mesmas em inglês e em latim, procurou evidenciar as divergências estruturais entre este, aquele e o grego. Enquanto, na língua francesa, A. Matthieu (filiado a uma tradição retórica italiana), C. Maupas e Vaugelas, entre outros, tinham o latim e o francês como entidades distintas, rejeitando assim o aparato das gramáticas latinas e possíveis especulações filosóficas, e preconizavam o



“culto da correção e a imposição da uniformidade (da língua francesa) em nome do melhor uso”.

Desde o final da Idade Média, J.C. Scaliger foi o primeiro a elaborar uma teoria gramatical com um princípio filosófico aristotélico: “as palavras são símbolos ou signos de afeições ou impressões da alma”, porém a gramática universal teve como máxima o princípio de que “as próprias inclinações mentais, das quais as palavras são sobretudo sinais, são as mesmas para toda a humanidade”.

A partir de críticas às normas aristotélicas, Pierre de la Ramée (Ramus) criou sua própria norma, o “ramismo”, que fornecia a base de um novo modelo gramatical, sugerindo uma mudança nas relações entre lógica (razão, doutrina e uso) e retórica, de forma a submeter “a arte de bem falar” às três máximas aristotélicas: a “lei da verdade”, que garante a veracidade das regras gramaticais e condena os exemplos de gramáticos que não se baseiam nos melhores autores; a “lei de justiça”, que “assegura a homogeneidade interna das regras e a validade de suas relações recíprocas”; e a “lei da sabedoria”, que “quer que as regras aplicáveis a várias categorias gramaticais sejam tratadas de uma vez por todas desde o início, a fim de evitar a repetição”. Assim, a gramática francesa de Ramus, construída sobre critérios formais, procurou aplicar à língua vulgar um sistema de análise lingüística voltado ao latim. Já a primeira gramática ramista da Inglaterra, elaborada por P. Greaves, procurou descrever o inglês à proporção que se diferenciava do latim. Este mesmo princípio foi seguido por Ben Jonson, cujos seguidores acrescentaram ao “ramismo” um sistema mais tradicional, com base em critérios semânticos (A. Gill, Butler e A. Hume), anunciando, pois, o fracasso da norma ramista.

Em contrapartida, B. Buommattei, ao redigir a primeira gramática de uma língua viva, o italiano, aplicou-lhe a norma scaligeriana (e aristotélica), que anunciava o declínio da gramática empírica (do uso) e o triunfo da razão (do “logicismo”). Ele fundamentava sua gramática, por intermédio de Scaliger, na doutrina aristotélica das quatro causas, aplicando à língua as categorias de matéria, forma e causa: causa material (matéria fônica de suporte); causa formal (significação à matéria); causa eficiente (agente; na sua opinião, o povo toscano) e causa final (meta). Não obstante, enquanto este abordava as “causas” subjacentes à língua toscana, o espanhol G. Correas fundamentava sua gramática em alguns aspectos da gramática latina de seu compatriota

Sanctius, baseando-se no pressuposto de que: “Toda pessoa possui previamente a gramática de sua língua”, não precisando de regras para falar; a sintaxe (oração ou discurso) constitui o verdadeiro objeto da gramática; e, no sistema das partes do discurso (norma, verbo e dicção), presente na origem de toda língua, encontra-se tudo o que é necessário à sintaxe do enunciado.

A partir dos referidos autores, surgiu a gramática de Port-Royal que, ao relacionar norma lingüística e norma lógica, procurava descobrir as razões do que era comum a todas as línguas e tornar ciência o que era apenas costume às mesmas. Quanto aos termos do sistema de Scaliger (universo, espírito e língua), os autores de Port-Royal opuseram apenas língua e espírito, sendo a língua tida como reflexo do pensamento, de modo que as partes do discurso se baseassem no espírito, e não no mundo real, mediante formação de julgamentos. Estes se equivaliam à lógica, contendo um sujeito e um predicado, tido como a base de todo enunciado e da análise sintática. Os messieurs de Port-Royal rejeitaram, porém, a delimitação rígida prescrita por Ramus à retórica, à lógica e à gramática, deixando-as livres para substituir “construções figuradas da retórica” por “construções ordinárias e essenciais da língua”, mediante justificativas lógicas. Assim a idéia de “razão” tendia a superar a de “uso”, embora houvesse controvérsias.

Já o movimento em prol de uma língua universal, surgido na Inglaterra, voltava-se a uma tradição medieval (tendo a língua como reflexo do universo) e procurava responder às exigências da ciência contemporânea. Originou-se, em parte, paradoxalmente, da aversão baconiana à lógica aristotélica, optando inicialmente por métodos indutivos e empíricos. Em uma primeira tentativa, o Ground-Work de Lodowyck esboçou uma gramática em que havia uma conformidade entre os fenômenos naturais e as categorias gramaticais, porém se baseando ainda na imitação de formas latinas. Enquanto Wilkins, também com base no latim, exigiu um paralelo entre língua e universo e os adequou às categorias filosóficas de Aristóteles, partindo da premissa de que as categorias gramaticais do latim eram as mesmas da língua ideal. Ao passo que Lane procurava relacionar lógica e gramática (comum às 23 gramáticas “reformadas” publicadas na Inglaterra em 1711 e 1755), pondo a serviço da pedagogia uma teoria filosófica. Mesmo que se dissesse basear na relação língua e universo, nas normas

determinadas pelo “bom senso”, pelo que era aplicável às línguas em geral, o referido autor partia da estrutura do inglês e do latim para criar suas regras.

Por fim, concernentemente à harmonia universal e à imanência das normas lingüísticas, destacaram-se dois gramáticos alemães do século XVII: o alemão W. Ratke, que procurava fazer uma analogia entre as relações tanto naturais quanto sociais e a razão, em sua gramática, com base em um princípio filosófico aristotélico-escolástico, e pregava a harmonia entre Fé, Natureza e Linguagem, portanto a “uniformidade na base das línguas, das artes e das ciências”; bem como o alemão J. G. Schottel que, com base na “noção ratichiana de uma harmonia subjacente às línguas” e em uma teoria universal, deu uma contribuição original às teorias gramaticais ao pressupor que, estando a língua fundada em Deus e na Natureza, não cabia ao gramático impor as normas gramaticais, e sim, revelá-las, pois as mesmas eram peculiares à língua, sendo “indicadores do uso bom/correto”. Entretanto, tais normas se baseavam mais numa língua ideal do que no uso de um falar real.

### 1.1.3. A concepção de norma segundo alguns lingüistas

Tendo em vista a diversidade teórica quanto à concepção de norma, destacamos os lingüistas a seguir, cujas teorias – às vezes divergentes, porém necessárias e complementares até – desempenharam um importante papel na história da norma lingüística, principalmente, no tocante à atual dimensão histórico-social atribuída ao fenômeno lingüístico.

Coseriu, em sua teoria sobre “sistema, norma e fala”, acrescenta a noção de norma à dicotomia saussuriana *langue/parole*. Na tentativa de “reformular tal dicotomia”, concebe a explícita relação entre fala e “atividade lingüística concreta” estabelecida por Saussure, mas observa que, em seu conceito de língua, subtendem-se três distintos conceitos: “o conhecimento lingüístico que permite ao indivíduo falar uma língua” (semelhante à competência lingüística chomskiana); “um conjunto de padrões sociais objetivos, que, enquanto agregados, se opõem ao desenvolvimento individual do falante” (língua como instrução social, segundo Whytney) e “um conjunto de oposições e estruturas que garantiriam o funcionamento da língua como um código” (conceito funcional de língua). Entretanto, é a partir deste último conceito que Coseriu deduz o

principal elemento da “dicotomia saussuriana” entre língua e fala: a oposição entre sistemático (forma) e assistemático (substância), esclarecendo que a oposição se dá entre “concreto” e “abstrato”, pois, se a língua como sistema funcional procede de um processo de abstração, a sua concretude se comprova na fala.

De acordo com Lucchesi (1994), com essa visão de sistema funcional, Coseriu objetiva acabar com uma das mais sérias “imprecisões saussurianas”: a relação entre “sistemático e social”, e entre “assistemático e individual”, pois, para ele, o que é sistemático na língua se evidencia no falar, porém, “o que é social não necessariamente é sistemático, ou seja, funcional”. Um outro aspecto por ele destacado é o teor excessivamente rígido da diferenciação feita por Saussure entre individual e social. Segundo Coseriu, o ato lingüístico é simultaneamente social e individual, de maneira que o primeiro será evidenciado no próprio falar individual, deixando-se de lado “toda a oposição fictícia entre um indivíduo-social e uma sociedade extra-individual”. Nesse sentido, Coseriu investe na concepção estruturalista de que “o sistema funcional é unitário, invariável e independe de qualquer determinação social”, procurando assim apresentar uma proposta teórica que separe “sistema funcional” de qualquer realidade social, fazendo-o por meio de suas definições de “sistema funcional” e “sistema normal”, ou seja, sistema e norma.

Na teoria coseriana, segundo Mattos e Silva (1996), a norma é conceituada estruturalmente em relação ao sistema e à fala da teoria saussuriana. Partindo do pressuposto de que nas línguas existem fatores que não são exclusivos ou casuais, mas sociais, quer dizer, “normais no falar de uma comunidade”, Coseriu argumenta que sobre o “sistema funcional” se pode instituir o “sistema normal”, tido como “abstração intermediária entre a concretude da fala e a abstração mais alta do sistema”. Na concepção de norma defendida por ele, “a referência é ao “como se diz” e não ao “como se deve dizer”, “o que é a comprovação corrente para o conceito de norma prescritiva”; deste modo, “a norma normal” se antepõe à “norma correta” e é anterior à sua codificação. A partir da concepção coseriana, segundo Mattos e Silva, é possível concluir que: “o sistema é um conjunto de oposições funcionais; a norma é a realização coletiva do sistema, que contém o sistema e os elementos não-pertinentes dele, mas normais na fala de uma comunidade” e “a fala é a realização individual-concreta de norma somada à originalidade expressiva do indivíduo falante”. Enfim, Coseriu

defende que: “a norma se impõe ao indivíduo, limitando suas possibilidades expressivas; é o sistema de realizações obrigatórias sociais e culturais de uma comunidade”.

Em uma perspectiva pragmática, Rey procura distinguir a norma objetiva da subjetiva. De acordo com a primeira noção, cada grupo tem sua própria norma e, conseqüentemente, há tantas normas quanto grupos sociais houver. Conforme a segunda noção, é o ideal de língua a que todos os falantes aspiram. Destaca ainda a “norma avaliativo-prescritiva”, que está codificada e é a de maior prestígio dentro da comunidade lingüística; é a única que se presta à realização dos objetivos políticos e pedagógicos da escola. A norma prescritiva sustenta um certo tipo de discurso, que avalia criticamente os demais discursos (correto *vs.* incorreto...), emitindo juízos de valor ao uso lingüístico a fim de moldá-lo à ideologia dominante.

Em seu estudo, Rey evidencia as incoerências internas e o teor ideológico do discurso purista, que não admite “um desvio” de um modelo predefinido; não se deixa pressionar pelo caráter social de um discurso; não aceita “a pressão estatística do uso” e recusa a mudança histórica (do tempo social, da evolução social). Argumenta ainda que, ao invés de se negar o conhecimento científico da língua como o fizeram os puristas, deve-se utilizá-lo para fiscalizar a construção da norma, modificando-a em uma perspectiva pragmática, social e lingüística.

Aléong, porém, ao estudar a norma lingüística, acrescenta ao aspecto social o antropológico (perspectiva sócio-antropológica), tendo a língua como um fato social que impõe normas sociais ou esquemas de comportamento a ponto de estabelecer uma “norma implícita” própria de cada grupo social e, na medida do possível, tão mutável quanto o grupo. Nesta concepção, a situação sócio-interacional é imprescindível à escolha, pelos usuários, dos itens lexicais e sintáticos para formulação do enunciado.

Já Corbeil, com base na Antropologia Cultural, propõe-se a analisar, inicialmente, o caráter social da língua no processo de “enculturação” do indivíduo, isto é, no “processo de aquisição da cultura do grupo em que nasce”, tendo a língua como um fator cultural, um “modelo real de comportamento lingüístico”. Nesse processo de “enculturação” do indivíduo, destacam-se três momentos definidores de uma norma comportamental, por conseguinte, de um “padrão lingüístico” a ser incorporado socialmente: a) aprendizagem primária ou familiar, em que a criança ao mesmo tempo se expressa (“competência de expressão”) e interpreta a fala do outro (“competência de

reconhecimento”) a partir de uma gramática interna que ela constitui para si; b) aprendizagem secundária ou escolar, em que a criança é instruída a aprender um padrão de língua, tendo esta prestígio da escrita e um *status* superior ao ser “imposta pelo aparelho pedagógico em detrimento das demais variedades”, inclusive da que a criança aprendera anteriormente; c) aprendizagem terciária ou contínua, que é influenciada pela escolha profissional, pelo *status* ocupado pelo indivíduo na sociedade, determinando seu comportamento lingüístico em relação à sua língua (ou variação) e às demais.

Dos referidos fatores de aprendizagem, para a elaboração de uma teoria global da regulação lingüística, Corbeil destaca duas conseqüências: a imposição de uma variedade da língua como “padrão”, como norma, portanto, “a língua por excelência” em detrimento das demais; e uma estreita relação entre a evolução lingüística do adulto e sua escolha profissional, de modo que esta ou confirme a língua materna adquirida, ou ponha o indivíduo em contato com a “variedade do sistema escolar e das comunicações institucionalizadas”, ou o condicione a usar uma outra língua, que não seja a materna. São, pois, fatores determinantes da regulação lingüística: a) a escola, a administração pública, as instituições econômicas, a mídia..., que se destacam em relação às comunicações institucionalizadas; b) o potencial que um grupo de poder (por exemplo, político, econômico...) tem de impor uma língua ou uma variedade de língua em suas comunicações; e c) “a língua como modelo construído”, tendo em vista as condições de descrição lingüística: o *status* social de quem a faz; a “escola lingüística” ou o grupo a que pertence; a relação consciente ou não entre o “descriptor” e o “grupo descrito”; a incapacidade de se abster dos próprios modelos e valores culturais; o tipo de “verdade” a que se pretende chegar...

Ao final, o autor distingue quatro princípios definidores da regulação lingüística: 1. “o princípio de convergência”, que representa a “unidade lingüística”, a “unificação lingüística”, ou seja, o privilégio de uma mesma variedade ou uso em um mesmo grupo lingüístico; 2. “o princípio de dominância”, que é o princípio do “etnocentrismo cultural”, em que um “infragrupo” ou um grupo (sobretudo um do poder) impõe seu comportamento lingüístico como o melhor, o ideal; 3. “o princípio de persistência”, que é a tentativa de manter “no poder” a norma lingüística escolhida, independentemente das circunstâncias sócio-políticas, econômicas e culturais, negando

as demais variações lingüísticas; e 4. “o princípio de coerência”, que se liga ao conceito de “norma objetiva”, permitindo a “intercomunicação” entre os falantes, mesmo variando o sistema de valores e o ideal lingüístico de uma sociedade à outra.

Embora Aléong, Corbeil e Rey (BAGNO, 2001) sejam unânimes, ao afirmarem que a vida social é determinada por normas de comportamento, não acreditam que devam ser impostas, obrigatórias e rígidas, pois acatam a possibilidade da democratização da sociedade, devendo o mesmo ocorrer com a língua.

Ainda que a questão não se resolva, já que a noção de democracia é relativa (por exemplo, no Brasil), faz-se necessário desconstruir a ideologia lingüística reacionária e democratizar o ambiente lingüístico, bem como repensar os paradoxais conceitos de norma culta e padrão de língua preconizados, tanto no âmbito do senso comum, da pedagogia tradicional quanto da pesquisa universitária. Assim, ampliam-se as possibilidades de acesso a outros campos das ciências humanas, permitindo-se o desenvolvimento da consciência política do lingüista em relação à realidade vigente, cuja norma tem sido a exclusão social.

Consoante Bagno (2001), na sociedade brasileira contemporânea, por exemplo, percebem-se duas concepções de norma vigentes em uma comunidade lingüística. A primeira se baseia na gramática normativa, nos grandes escritores (sejam estes brasileiros, portugueses e/ou africanos) e nos dicionaristas, favorecendo uma visão social preconceituosa quanto ao uso da língua (*certo vs. errado, bonito vs. feio...*). A segunda noção, “rotulada de norma culta”, baseia-se no uso da língua por pessoas com nível superior completo e, peculiarmente, urbanas – “falantes cultos” – como têm sido classificadas no Projeto NURC<sup>1</sup> que, com base nesses critérios, desde 1970, vem documentando e analisando a “linguagem falada culta” em Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo. Neste caso, o autor sugere que se adote, cientificamente, o termo “variedades cultas”, tendo por referencial a noção de “falante culto”, visto que a palavra “variedade” já se consagrou na literatura sociolingüística.

Por outro lado, ao invés de “norma culta”, ele opta por adotar o termo “norma-padrão” “ao conjunto de prescrições tradicionais veiculadas pelas gramáticas

---

<sup>1</sup> O Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta do Brasil (NURC) objetiva documentar e descrever o português oral culto do Brasil. Seus informantes (de nível superior), foram selecionados de acordo com o sexo, a faixa etária, o tipo de registro e a região de procedência (falantes nativos da cidade em estudo).

normativas, pela prática pedagógica conservadora e pelos empreendimentos puristas”, em que se supõe uma língua descontextualizada, desvinculada de sua realidade histórico-social, até porque ele não acredita haver uma “língua-padrão”, e sim, um “padrão-língua” encarregado da medição e da avaliação “dos usos lingüísticos empíricos dos falantes nativos”. Por conseguinte, considera que melhor se apreende a concepção de “norma” quando se recorre a outras ciências, como Antropologia, História, Sociologia etc, não se limitando ao campo puramente lingüístico.



## CAPÍTULO II – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, procurando integrar coerentemente os vários momentos da investigação, com base nos objetivos, nos problemas e nas hipóteses levantadas, abordamos a metodologia do trabalho mediante detalhamento de seus principais aspectos, respectivamente: delimitação dos *corpora*; sujeitos da pesquisa; levantamento e fichamento dos dados, bem como definição operacional das variáveis lingüísticas e extralingüísticas.

### 2.1. DELIMITAÇÃO DOS *CORPORA*

Como a priori objetivávamos replicar o trabalho de Leite (1998), intitulado “Língua falada: uso e norma”, a partir dos dados do PORCUFORT<sup>2</sup> – *Português Oral Culto de Fortaleza*, ambos “inspirados” na aplicação dos métodos e das técnicas do Projeto NURC, procuramos analisar somente a “língua culta”, ou seja, a maneira de falar de uma “pessoa instruída” (de nível superior completo), equivocando-nos visto não ser “a língua culta” a única forma de representação da fala, neste caso, da comunidade lingüística de Fortaleza.

Devido à nossa base teórico-lingüística, logo selecionamos um outro *corpus*<sup>3</sup>, intitulado “A linguagem falada em Fortaleza: Diálogos entre Informantes e Documentadores – materiais para estudo”, cujos dados são de pessoas “tidas como menos instruídas” (de menor escolaridade), o que não implica dizer que são lingüísticamente “menos competentes”, a fim de realizarmos uma análise comparativa entre essas duas realidades, evidenciando assim que o preconceito estabelecido, em geral, pelos usuários da Língua Portuguesa quanto aos dialetos, às demais variações lingüísticas, é descabido. Para tanto, coletamos 58 % dos dados do primeiro *corpus* e

---

<sup>2</sup> O PORCUFORT foi coordenado pelo Prof. Dr. José Lemos Monteiro, no período de agosto de 1993 a setembro de 1995, pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

<sup>3</sup> A publicação deste *corpus* foi organizada pelas professoras doutoras Maria do Socorro Silva de Aragão e Maria Elias Soares que retomaram as gravações do Projeto “Dialetos Sociais Cearenses”. Foi desenvolvido pela Universidade Federal do Ceará (UFC), no Mestrado em Lingüística e Ensino da Língua Portuguesa, no período de 1986 a 1988, objetivando ampliar o Banco de Dados da referida instituição e possibilitar o estudo dos falares cearenses, nas várias áreas da Lingüística e da Língua Portuguesa. Coordenaram-no, em uma primeira instância, os professores doutores José Carlos Gonçalves e Cláudia Nívia Roncarati de Souza e, a posteriori, as supracitadas organizadoras.

56 % dos dados do segundo, mediante observação das peculiaridades de ambos os *corpora* para melhor compreendermos sua organização e as razões norteadoras de sua escolha para a nossa análise comparativa:

- O objeto de estudo de ambos é a linguagem falada em Fortaleza, como os próprios títulos sugerem;

- Predominam inquéritos constituídos de diálogos entre informante(s) e documentador(es) – Código DID. Por conseguinte, do PORCUFORT excluimos os volumes que apresentam apenas diálogos entre informantes, já que o outro *corpus* de análise não os possui, e os que apresentam elocuições formais porque, segundo Brait (1999)<sup>4</sup>, representam um tipo de gênero discursivo, em forma de aulas e conferências, que contém marcas enunciativas e interativas próprias dessa situação. Neste caso, embora haja interferência(s) da presença de ouvintes, seu planejamento temático/expositivo, “com uma aparente estrutura monológica”, aproxima-se mais de um texto escrito;

- Os sujeitos da pesquisa são de níveis de escolaridade diferentes: os do primeiro *corpus* (Código C1) são de linguagem culta, na acepção de “instruído”, de nível superior, consoante Barros (1997)<sup>5</sup>; enquanto os do segundo (Código C2) são de linguagem popular, desde o analfabeto (havia apenas um, por isso o excluimos) ao que tem 2º grau completo ou não;

- Em geral, os temas abordados são de interesse dos informantes, centrados em questões familiares (pessoais), políticas, profissionais e socioculturais;

- No primeiro *corpus*<sup>6</sup>, a média de tempo dos inquéritos varia de 16 a 60 minutos e, no segundo, é de 60 minutos.

---

<sup>4</sup> BRAIT, B. “Elocução formal: o dinamismo da oralidade e as formalidades da escrita” In: PRETI, Dino (Org.). *Estudos de língua falada: variações e confrontos*. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP – Projetos Paralelos NURC/SP 3, 1999, p. 87-108.

<sup>5</sup> BARROS, D.L.P. de. “A propósito do conceito de discurso oral culto: definições e imagens”. In: PRETI, Dino (Org.). *O discurso oral culto*. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP – Projetos Paralelos NURC/SP 2, 1997, p. 31.

<sup>6</sup> No PORCUFORT, constatamos que dois inquéritos pertencem a uma mesma informante (inquéritos de N° 31 e 131, do Volume IV, da página 606 à 628). Não sabemos ao certo o que motivou tal decisão metodológica. Terá sido para compensar o tempo destinado à primeira entrevista (16 minutos), um pouco abaixo do obtido em um outro inquérito, o de N° 106, do mesmo volume, que durou 26 minutos? Já a segunda entrevista durou 32 minutos. Por ser a informante graduada em Odontologia, foram abordados os temas “Saúde dentária” e “Tratamento dentário, lazer”, respectivamente, razão pela qual julgamos viável

## 2.2. SUJEITOS DA PESQUISA

Inicialmente, pensávamos em analisar 50 % dos inquéritos, porém seria muito díspar o número de homens e mulheres, de modo que consideramos 58 % do total de sujeitos do *Corpus* 1 (=14) e 56 % do *Corpus* 2 (=10), perfazendo um total de 24 sujeitos. Estes são fortalezenses natos; filhos de pais cearenses, sendo que a maioria possui pais fortalezenses; e mantêm residência fixa em Fortaleza. Ressaltamos que os do primeiro *corpus*, com faixa etária que varia de 25 a 67 anos, têm nível superior completo e os do segundo *corpus*, com faixa etária que varia de 14 a 39 anos, têm 1º ou 2º Grau (in)completo.

Apresentamos, a seguir, dois quadros ilustrativos de nossos sujeitos, referentemente a cada *corpus*, de acordo com os seguintes critérios: faixa etária, sexo e grau de instrução. Todavia, para facilitar sua organização, definimos equitativamente quatro faixas etárias: 1ª F.E. – de 14 a 26 anos; 2ª F.E. – de 27 a 40 anos; 3ª F.E. – de 41 a 54 anos e 4ª F.E. – de 55 a 67 anos.

QUADRO 01 – Distribuição dos sujeitos por faixa etária, sexo e grau de instrução, em C1:

FAIXA ETÁRIA SEXO		C1		TOTAL
		GRAU DE INSTRUÇÃO		
		NÍVEL SUPERIOR		
		M	F	
14 a 26 anos		01	02	03
27 a 40 anos		01	02	03
41 a 54 anos		03	01	04
55 a 67 anos		02	02	04
TOTAL		07	07	14

---

contar como dois inquéritos; e não apenas um. Informamos, outrossim, que tais problemas não comprometem nosso estudo. Houve ainda uma indevida numeração das páginas em alguns volumes do referido *corpus*, incluindo o citado acima, mas também passível de correções, o que em nada diminui o seu mérito. É tanto que o escolhemos, dentre outros, para fazermos nossa análise comparativa.

QUADRO 02 – Distribuição dos sujeitos por faixa etária, sexo e grau de instrução, em C2:

FAIXA ETÁRIA SEXO		C2				TOTAL
		GRAU DE INSTRUÇÃO				
		1º GRAU (IN)COMPLETO		2º GRAU (IN)COMPLETO		
M	F	M	F			
14 a 26 anos	02	02	02	02	08	
27 a 40 anos	01	----	----	01	02	
41 a 54 anos	----	----	----	----	----	
55 a 67 anos	----	----	----	----	----	
TOTAL	03	02	02	03	10	

### 2.3. LEVANTAMENTO E FICHAMENTO DOS DADOS

Para o levantamento dos dados, elaboramos três tipos de fichas. No primeiro, intitulado FICHA INDIVIDUAL, há informações sobre a base de dados selecionada, a saber, o número dos inquéritos, a duração, as páginas correspondentes, o tipo de registro, os dados concernentes a cada sujeito (sexo, faixa etária e grau de instrução) e outras observações que se façam necessárias. No segundo, denominado FICHA TOTALIZADORA, há o número dos inquéritos, os tipos de ocorrência, com suas devidas somas e a totalização dos dados em cada *corpus*. Por último, na FICHA RESUMITIVA, tem-se a síntese dos totais de cada variante lexical e sintática nos dois *corpora*, facilitando bastante a análise quantitativa dos dados (v. modelos - Anexos I, II e III, respectivamente).

Quanto ao fichamento, fizemo-lo manualmente, a partir da leitura minuciosa de 25 inquéritos; da especificação dos fatos lingüísticos, com respectivas somas; e de recortes de alguns trechos ilustrativos das variantes lexicais e sintáticas em questão. Assim os dados foram interpretados isoladamente e, só depois, analisados comparativamente.

## 2.4. DEFINIÇÃO OPERACIONAL DAS VARIÁVEIS

### 2.4.1. VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS

A partir das variáveis usadas por Leite (1999), em seu estudo “Língua falada: uso e norma”, definimos as variantes<sup>7</sup> lexicais e sintáticas a seguir, presentes na linguagem falada em Fortaleza: a) tu/você; b) nós/a gente; c) verbo assistir (com preposição/sem preposição) e d) verbo ir (com preposição/sem preposição).

Tais variantes foram apresentadas aos pares para que, além de facilitar nossa análise, pudéssemos observar qual se configuraria como *caso de uso* e *caso de norma*. Entendamos este como a expressão com alta frequência e aquele, a expressão com baixa frequência, tendo em vista o total de realizações de cada “variante binária”. Quanto à hipótese de haver uma diferença quantitativa ínfima entre duas variantes (por exemplo, até 3 %), consideraremos a de maior emprego como *caso de norma* (para efeito de resultado), porém teremos ambas como “concorrentes”, visto que a variante de menor emprego tenderá a ser também “norma” na linguagem falada em Fortaleza.

Por considerarmos também um “detalhe metodológico” importante, julgamos mister adotar o substantivo “emprego” e o verbo “empregar” quando nos referirmos à apresentação dos dados, a fim de evitarmos “equívocos de interpretação”, já que estamos adotando o termo *casos de uso*, como nos seguintes exemplos: “No *corpus x*, foram empregados *n* casos de tal variante.”; “O informante *y* empregou tantas vezes a variante tal.”; ou ainda, “Constatamos o emprego majoritário da variante tal.”.

---

<sup>7</sup> Além das variantes lexicais e sintáticas estudadas neste trabalho, Leite analisou outras como: *detalhes*, significando “pormenores / minúcias”; *através de*, equivalendo a “por meio de” e “pelo”; o verbo *chamar*, na acepção de “dar ou pôr a (alguém) o nome de”; *chegar*, na acepção de “ir ao ponto de”. Contudo, por estarmos desenvolvendo uma análise comparativa, na qual contrastaremos *casos de norma* e *casos de uso*, e por ser ampla nossa base de dados, optamos pelas já mencionadas, acrescidas das formas pronominais *tu* e *você*, que são bastante comuns na linguagem falada em Fortaleza.

#### 2.4.2. VARIÁVEIS EXTRALINGÜÍSTICAS

Para esta investigação, preocupamo-nos em selecionar criteriosamente os sujeitos a partir da observação atenta das variáveis extralingüísticas: faixa etária, sexo e grau de instrução, conforme ilustramos nos Quadros 01 e 02, do item 2.2. *Sujeitos da Pesquisa*. Relevamos ainda os temas abordados nos inquéritos, por serem estes tão importantes quanto decisivos nas escolhas lingüísticas feitas pelos falantes de Fortaleza. Assim, reiteramos o argumento de que as escolhas lingüísticas feitas pelos fortalezenses sofrerão mais influência de fatores extralingüísticos (idade e sexo dos sujeitos; situação comunicativa/tipo de registro; relação estabelecida entre os *interactantes* e uma possível motivação temática) do que de lingüísticos.

Acreditamos, portanto, que os falantes de Fortaleza selecionarão as mesmas variáveis lingüísticas em ambos os *corpora*, mesmo que os sujeitos de C1 (PORCUFORT – *Português Oral Culto de Fortaleza*) empreguem a “língua culta” e os de C2 (“A linguagem falada em Fortaleza – Diálogos entre Informantes e Documentadores – materiais para estudo”), usem a “não-padrão”, tendo, respectivamente, diferentes graus de instrução: a) nível superior e b) 1º ou 2º Grau (in)completo.

### CAPÍTULO III – ANÁLISE E RESULTADOS

Diante da complexidade que é analisar a língua, em especial a falada em Fortaleza, atentamos ao fato de que o enunciado se constitui de diferentes fatores (cognitivos, sócio-interacionais, lingüísticos...) a serem observados detidamente em nossa análise comparativa, a fim de evitarmos equívocos quanto ao julgamento do fenômeno em estudo (LEITE, 1999: 179).

Neste sentido, desenvolvemos três etapas distintas: 1º interpretamos quantitativamente os dados constantes nas fichas de análise, por meio de gráficos e tabelas; 2º analisamos qualitativamente os dados lingüísticos e extralingüísticos, comentando-os detidamente a partir de transcrições da fala dos sujeitos, cujos “recortes” (quando necessários) foram representados pelo símbolo [...] e 3º Apresentamos conclusões resumitivas quanto aos *casos de norma e de uso* na linguagem falada em Fortaleza, de acordo com as concepções defendidas no quadro teórico, tendo em vista os propósitos almejados no início deste trabalho.

Salientamos que, em uma perspectiva sociolingüística, a cada variável recorremos a explicações morfossintáticas e/ou semântico-pragmáticas, visto ter cada forma binária sua especificidade quanto ao próprio contexto comunicativo, por isso não a julgamos linearmente. Não nos interessa, portanto, discutir definições e nomenclaturas relativas aos itens lexicais e sintáticos em estudo, e sim compreender o porquê de sua escolha pelos falantes de Fortaleza, procurando responder a indagações tais como:

1. Que variáveis lingüísticas são priorizadas pelos falantes fortalezenses nos dois *corpora*?
2. Que fatores (lingüísticos e/ou não-lingüísticos) influenciam as escolhas feitas pelos falantes de Fortaleza?
3. Relativamente às escolhas feitas, quais consideramos *casos de norma* e *casos de uso*?

### 3.1. VARIANTES LEXICAIS ANALISADAS

“A gramática precisa apanhar todos os dias para saber quem é que manda.” (Luís Fernando Veríssimo)

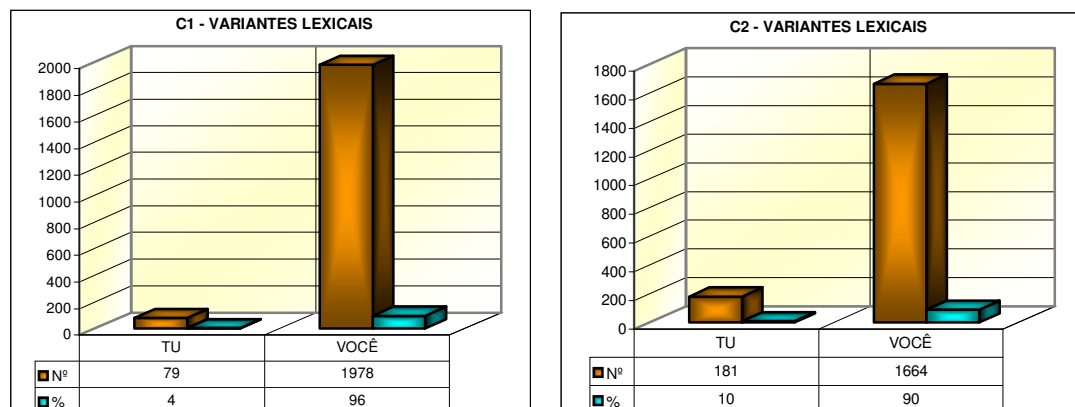
#### 3.1.1. TU / VOCÊ

Quanto às variantes lexicais *tu* e *você*, levantamos a hipótese de que os fortalezenses selecionarão o pronome *você*, seguida de verbo na 3ª pessoa do singular, por se tratar de um diálogo entre informante(s) e documentador(es), ainda que a pronominal *tu*, seguida de verbo na 3ª pessoa do singular, seja bastante comum na linguagem falada em Fortaleza. Implica dizer que o referido item lexical será tido como *caso de norma* (de emprego majoritário), em relação ao pronome *tu*, que será tido como *caso de uso* (de emprego minoritário). Tal escolha lingüística sofrerá mais influência de fatores extralingüísticos (idade e sexo dos sujeitos; situação comunicativa / tipo de registro; relação estabelecida entre os *interactantes* e uma possível motivação temática) do que de lingüísticos.

Favoravelmente ao que supomos, o levantamento das ocorrências das formas pronominais *tu* e *você* evidenciou haver um destaque desta em relação àquela nos dois *corpora*, cujos valores (tanto absolutos quanto percentuais) são bem díspares: 1978 (96 %) contra 79 (4 %) no *Corpus 1* (C1) e 1664 (90 %) contra 181 (10 %) no *Corpus 2* (C2). Ao somarmos os resultados concernentes a cada pronome nos dois *corpora*, obtivemos os seguintes valores, respectivamente: 3642 (93 %) e 260 (7 %), consoante gráficos 1 e 2.

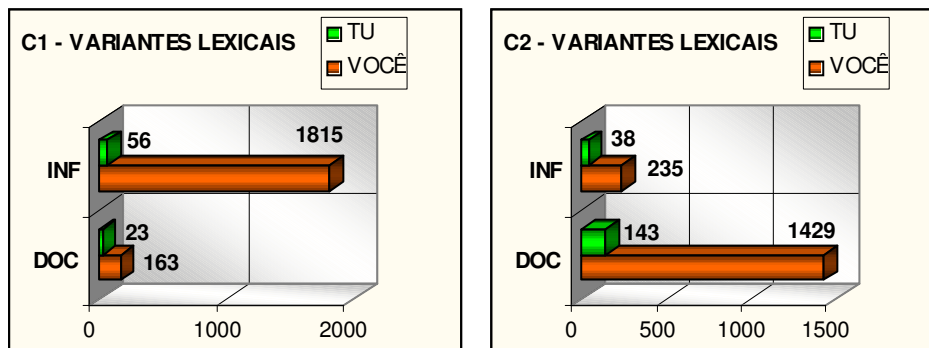


GRÁFICOS 1 E 2 – Frequência, em valores absolutos e percentuais, das variantes lexicais *tu* e *você* em C1 e em C2:



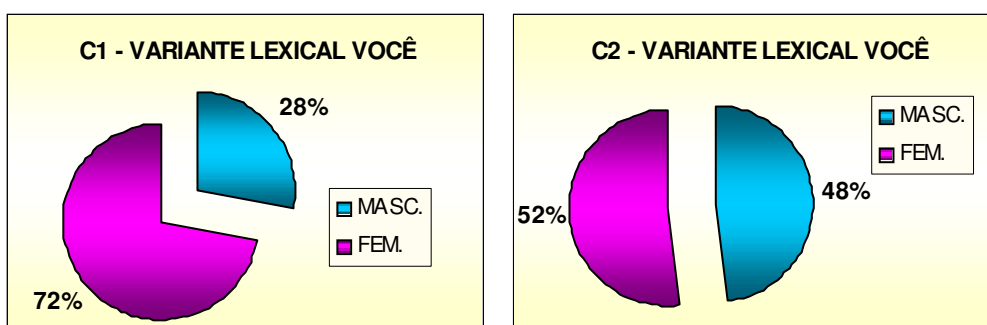
A partir dos resultados obtidos, ponderamos por que a forma pronominal *tu* (seguida do verbo na 3ª pessoa do singular) não se configurou como um *caso de norma*, na linguagem falada em Fortaleza, mesmo que seja notório seu emprego nos diálogos cearenses espontâneos, principalmente devido às variações regionais. O que pudemos constatar foi que, no *Corpus 1*, o pronome *você* foi empregado prioritariamente pelos informantes em 92 % dos casos, o equivalente a 1815 ocorrências, sendo 908 na forma explícita e 907, na não-explícita; e, no *Corpus 2*, pelos documentadores, em 86 % dos casos, o equivalente a 1429 ocorrências, sendo 1120 na forma explícita e 309, na não-explícita. Justifica-se tal priorização porque os informantes conduziram a conversação no C1, enquanto os documentadores “controlaram” boa parte dela no C2, como evidenciam os gráficos 3 e 4.

GRÁFICOS 3 E 4 – Frequência, em valores absolutos, das variantes lexicais *tu* e *você*, em relação aos informantes e aos documentadores, em C1 e C2:



Ainda em relação aos informantes, gostaríamos de destacar que, dos que empregaram a forma pronominal *você* (explícita ou não) no C1, 28 % são do sexo masculino e 72 %, do feminino; enquanto, no C2, 52 % deles são do sexo feminino e 48 %, do masculino, evidenciando neste caso certo equilíbrio estatístico. Mesmo assim, quanto ao emprego da referida variante lexical, o sexo feminino se destacou nos dois corpora, como ilustram os gráficos 5 e 6.

GRÁFICOS 5 E 6 – Frequência, em valores percentuais, dos sujeitos (ambos os sexos) quanto ao emprego do pronome *você* em C1 e C2:



Poderíamos argumentar que tais resultados se justificam pelo fato de que as mulheres foram mais expansivas ao conversarem com o(a) documentador(a) do que os homens que, em geral, foram mais comedidos na maneira de tratá-lo(a), optando por empregar tratamentos mais respeitosos, formais, como por exemplo, *senhor(a)*.

Realmente, em algumas conversações, eles foram mais cerimoniosos, porém foi o(a) documentador(a) quem priorizou o tratamento supracitado, condicionando-o à variável extralingüística idade, de modo a alterná-lo com o pronome *você*. Este foi empregado quando se referia aos informantes “mais novos”, em ambos os *corpora*, e aquele, aos “mais idosos”, apenas no *Corpus 1*<sup>8</sup>, no qual há informantes de 3ª e 4ª faixas etárias, cuja idade varia de 41 a 67 anos. Estes, por sua vez, priorizaram a forma pronominal *você* ao se reportarem ao(à) documentador(a), independentemente da idade dele(a), embora às vezes recorressem às formas já citadas: *tu* – seguida de verbo na 2ª pessoa do singular, o que raramente aconteceu, ou na 3ª pessoa do singular – e *senhor(a)*.

No inquérito 22/C1<sup>9</sup>, por exemplo, houve uma diferença na forma de tratamento: enquanto o informante, de 67 anos, pertencente à 4ª faixa etária, empregou *você* ao falar com o entrevistador, este empregou a forma *senhor*, cortesmente: 40 casos, dentre os quais 64 % precederam o verbo *lembrar*, seguido ou não de um complemento verbal.

- 33 **DOC:** ... quem liderava?... o senhor lembra?...  
 34 **INF:** era lideRAdo...  
 35 **DOC:** uhn  
 36 **INF:** pelo... pelos ((voz de terceiro)) ...a  
 37 **DOC:** assim os  
 38 membros que o senhor lembra que liderava o UDN  
 39 **INF:** eu lembro  
 40 quem liderava era...  
 41 **DOC:** o senhor lembra  
 42 **INF:** o brigadeiro Eduardo Gomes  
 43 **DOC:** ... uhn... e qual a proposta o senhor lembra? Da UDN o que  
 44 que eles luTava?...
- 
- 793 **INF:** [...] a Revolução de sessenta e QUatro  
 794 **DOC:** uhn  
 795 **INF:** **você** num conheceu né?
- 

<sup>8</sup> No *Corpus 1*, 60 % das entrevistas foram gravadas depois de iniciadas (9 inquéritos) e 40 % tiveram suas gravações feitas logo no início (6 inquéritos). Desconhecemos o porquê deste procedimento, mas julgamos não ser decisivo em nossos resultados, embora lamentemos, no primeiro caso, não sabermos como se estabeleceu o contato inicial entre os interlocutores.

<sup>9</sup> Em cada inquérito analisado, para melhor identificar a quem corresponde cada trecho transcrito, além de especificarmos o número da linha correspondente no texto original, utilizamos os seguintes códigos: **INF** = informante e **DOC** = documentador, comuns aos dois *corpora*. Também adotamos especificações tais como: **INF22/C1** = N° do informante e código do *corpus*; **p.** = página; **L** = linha do diálogo, ao final de cada transcrição feita e, havendo mais de uma exemplificação, usamos o código Ex1 = N° do exemplo, no início de cada trecho transcrito. Salientamos que os destaques dados aos itens de análise, ora com negrito, ora com negrito e parênteses ora com negrito e sublinha, foram necessários para facilitar a visualização das variantes comentadas.

796 DOC: NÃO

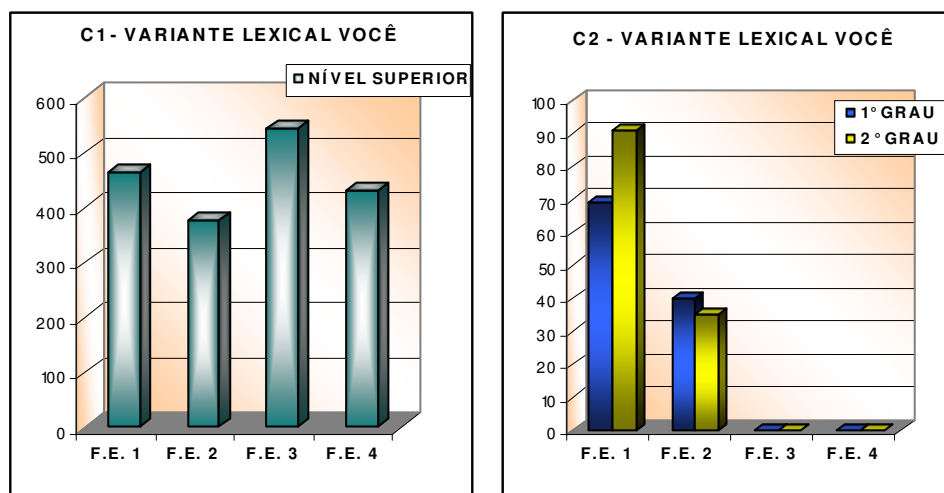
797 INF: (você) num era NEM nascida naquela Época cê é de setenta e três

798 DOC: sou de seTENTa e três

(INF22/C1 – p. 655, L33–L44; p. 677, L793 e p. 678, L794–L798)

Embora o *Corpus 2* indique um maior emprego do pronome *você* pelos informantes de 1ª faixa etária – 69 no 1º Grau e 91 no 2º Grau, totalizando 160 ocorrências, isto é, 68 % de 235 (total no *corpus*) – reiteramos seu destaque na 3ª faixa etária do *Corpus 1* porque, em sua escolha lexical, os entrevistados, que têm de 41 a 54 anos, já denotam certa flexibilidade no tratamento, sendo menos formais, menos “rotuladores”, mesmo às vezes assumindo uma postura conservadora. Nesse caso, eles “foram responsáveis” por 30 % do total de 1815 no PORCUFORT, ou seja, por 543 ocorrências, significando dizer que o valor em termos percentuais é baixo, próximo ao das demais faixas etárias, porém é superior em termos absolutos, conforme gráficos 7 e 8.

GRÁFICOS 7 E 8 – Distribuição do pronome *você*, em valores absolutos, de acordo com o nível escolar e a faixa etária dos sujeitos em C1 e C2:



Em se tratando de uma situação de entrevista, *a verdadeira interação não se deixará notar*, na maioria das vezes, *dado que as relações entre os participantes – entrevistador e entrevistado – não atingem o diálogo em sua plenitude* (Fávero & Oliveira Andrade, 1999:155). Tal dificuldade se justifica ainda pelo fato de que, no

*Corpus 2*, por exemplo, o(a) documentador(a) usou freqüentemente a forma tratamental *você*, dirigindo-se ao entrevistado, para que este respondesse a perguntas a partir de uma *ficha social* (*questionário-guia de entrevista*<sup>10</sup>) preenchida a priori pelo falante, esquecendo-se de que a situação de preenchimento da ficha foi muito diferente da que estavam vivenciando na entrevista, sobretudo por ocorrerem em contextos e tempos distintos. Por conseguinte, dos dez entrevistados, sete tiveram seus inquéritos iniciados direta ou indiretamente com referência à ficha, a saber, 70 % dos sujeitos, como ilustram os seguintes exemplos, cujas análises apresentamos na mesma seqüência destes.

## Ex1

- 1 **DOC:** Bibi, agora a gente vai bater um papo assim razoável e eu vou... Como é? **Você me**  
 2 **falou na... na ficha social** que **você** gosta de política. Que que **você** tá achando  
 3 dessa situação... da situação econômica do país? Como é que **você** tá conseguindo  
 4 sobreviver? **Você** tá acompanhando?  
 5  
 6 **INF:** como é que tu diz é assim  
 7 **DOC:** Não, **você** tá acompanhando todo o processo político?  
 8 **INF:** não, num tô acompanhando todo o processo político não,  
 9

(INF3/C2 – p. 62, L1–L9)

## Ex2

- 1 **DOC:** Maria da Graça, agora eu quero conversar com **você**. **Você me disse lá na ficha que**  
 2 **eu fiz com você**, que gostava muito de ler. Então, eu queria que **você** me dissesse  
 3 qual é o tipo de livro que **você** gosta de ler.  
 4 **INF:** tipo de livro pode ser esse que eu citei

(INF11/C2 – p. 253, L1–L4)

## Ex3

- 1 **DOC:** Bom nós vamos dar continuidade agora. Começar com a Antônia Eliane de Sousa,  
 2 né? Nascida a 6 de 10 de 1965 aqui em Fortaleza. Nós vamos dar início agora à

<sup>10</sup> Segundo Tarallo (2001:21), este é um procedimento adotado pelo pesquisador-sociolinguísta, no estudo laboviano, para obtenção de relatos pessoais do informante, estimulando-se as *narrativas de experiência pessoal*, pois se acredita que o informante, por estar envolvido emocionalmente com a situação comunicativa, preste mais atenção em “o que” do que “como” falar, despreocupando-se praticamente com a forma. Paradoxalmente, embora o pesquisador-sociolinguísta tenha a preocupação de não interferir na naturalidade da situação comunicativa, ele deve interagir com os falantes da comunidade (após observá-la e aprender tudo sobre ela), devido à necessidade de “controlar tópicos de conversas” e captar realizações da variável linguística em estudo, sendo, porém, uma postura metodológica imposta pela própria orientação teórica.

3 entrevista. Bom, a entrevistadora Sueuda e Fátima Bessa. Bom, Eliane, **você me**  
 4 **falou** que tinha assistido uma peça de teatro. Que essa foi a primeira vez e a sua  
 5 impressão foi maravilhosa, não é?  
 6 **INF:** foi,  
 7 **DOC:** Como você falou. Fora a peça de teatro, o que era... quando **você**, antes de ir para o  
 8 teatro o que é que **você** pensava que fosse uma peça de teatro? Como era que **você**  
 9 pensava, como é que é, que era assim uma peça de teatro? **Você** imaginava como é  
 10 que era? **Você** foi convidada a assistir essa peça ou **você** foi diretamente assistir  
 11 porque...  
 12 **INF:** eu fui convidada,

(**INF12/C2** – p. 267, L1–L12)

Tendo por base os exemplos supracitados e a leitura minuciosa de todos os inquéritos no *Corpus 2*, averiguamos que apenas a informante 3/C2 manteve uma conversa bastante informal com a documentadora, que iniciou a entrevista chamando-a *Bibi*, de modo íntimo e afetuoso, sendo posteriormente correspondida ao ser chamada *Fatinha*.

986 **DOC:** Quando **você** passa a viver com um.  
 987 **INF:** quando eu passava né **Fatinha** ((ri))  
 988 **DOC:** Não, porque **você** teve aquele senhor lá, né? Que **você** passou... foi anos com ele.  
 989

(**INF3/C2** – p. 95, L986–L989)

No referido inquérito, a entrevistadora se baseou inicialmente na *ficha social*, mas aos poucos se deixou “envolver” pela própria situação comunicativa, dando-nos a impressão de surgirem os assuntos naturalmente, à proporção que ela obtinha informações sobre a entrevistada. Ambas se conheciam bem e há muito tempo. Talvez seja por isso que a entrevistada não procurou “impressioná-la” nem denotou constrangimento diante de determinadas indagações pessoais ou mesmo afirmativas feitas pela documentadora. Já no inquérito 11/C2, assim como o documentador usou diretamente a ficha para inquirir a informante, esta dela se utilizou para lhe responder de modo objetivo, sem refletir sobre a indagação feita. Ao passo que, no inquérito 12/C2, embora não tenha mencionado a palavra *ficha*, o documentador recorreu a informações nela constantes, como o nome completo da entrevistada, a data de seu nascimento e respectiva cidade. Empregou ainda as expressões “nós vamos dar continuidade agora” (L1); “você me falou (L3 e L4) e “Como você falou” (L7), explicitando que haviam conversado antes. Chegou a destacar o nome das entrevistadoras (L3), algo incomum nos demais inquéritos, denotando “uma postura bem profissional”, própria de um

entrevistador atento aos seus propósitos. Chamou-nos a atenção o fato de que, diante das interrogações ininterruptas feitas à informante (L7-L11), esta o interrompeu respondendo apenas à última, objetivamente; similar postura ela já havia adotado na linha seis.

Como bem observara Soares (1980), no estudo intitulado “As formas de tratamento nas interações comunicativas: uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza”, a preferência de uma forma tratamental pelos fortalezenses em relação à outra é determinada não só pelos papéis desempenhados pelos interlocutores, mas também pelo contexto conversacional, sejam nas relações simétricas ou assimétricas estabelecidas entre eles. Assim, de acordo com o que analisamos, além de indicar referência ao informante ou ao documentador, como uma forma de tratamento entre eles, a proeminente variável lexical *você*, com respectivas variações, pôde assumir distintos valores semântico-pragmáticos em ambos os *corpora*, tais como:

1. Denotou “indeterminação do interlocutor”, podendo referir-se a qualquer pessoa, de modo a ser substituível pela expressão “a pessoa”, tanto no emprego de sua forma explícita quanto de sua forma não-explícita. Nesta acepção, do total de 649 ocorrências nos dois *corpora*, 515 foram da primeira forma e 111, da segunda no *Corpus 1*, o equivalente a 96 % dos casos; enquanto, no *Corpus 2*, houve apenas 18 ocorrências da primeira forma e 5, da segunda, o equivalente a 4 % dos casos. Salientamos que as formas explícita e não-explícita do pronome *você* foram empregadas, respectivamente, por 100 % e 93 % dos informantes em C1 e por 20 % e 50 % dos informantes em C2.

Ex1

68 **INF:** isso é muito  
69 ruim **você** querer conhecer **você** querer ver... e (**você**) num poder...

-----  
928 **INF** [...] a UNIFOR pode oferecer  
929 assim... é até nas provas que  
930 **cê** vai fazer ela vem... né?... já um computador **você**  
931 num precisa air atrás de folha  
932 né?... quer dizer ah ah recurso materiAL que **você** sente  
933 mas... ((ruído)) ... parte biblioteca  
934 biblioteca muito organizada... [...]

(**INF6/C1** – p. 80, L68–L69; p. 101, L928–L934)

## Ex2

- 407 **INF:** [...] ... é uma universidade que  
 408 **você** não pode nem se dar o trabalho de... se deixar reprovar  
 409 né?... porque... é Cara... **você** não vai perder uma cadeira **cê**  
 410 é o obrigado a estu**DAR** [...]  
 411 **INF:** TEM tem também a história do crédito  
 412 educativo mas aquilo ali minha filha pra conseguir  
 413 **DOC:** ahn  
 414 **INF:** **você** tem que ser né pobre não é pau**PÉ**rrimo...  
 415 **DOC:** vixe  
 416 **INF:** MISERÁvel pa **cê** conseguir  
 -----  
 422 **INF:** porque **você** **NÃO** consegue... (**você**) não consegue de jeito nenhum

(**INF106/C1** – p. 638, L407–L416; L422)

## Ex3

- 79 **DOC:** Mhm mhm.  
 80 **INF:** se (**você**) tiver um um poder aquisitivo é claro que **você** vai querer coisa boa né no futebol  
 -----  
 362 **INF:** [...] ave Maria o  
 363 colégio o colégio Castelo Branco um colégio desse ou o Liceu **você** vai hoje no  
 364 co (**você**) entra numa classe só tem dois ou três aluno [...]

(**INF10/C2** – p. 233, L79–L80; p. 243, L362–L364)

## Ex4

- 767 **INF:** a a AIDS mata tá matando mais ligeiro que o câncer né  
 768  
 769 **DOC:** Tá. Tá porque é uma doença que ela é rápida, né? O câncer, **você** às vezes passa... A  
 770 pessoa passa cinco, seis anos...  
 771 **INF:** é,  
 772 **DOC:** Sofrendo.

(**INF18/C2** – p. 471, L767–L772)

2. Serviu de *marcador conversacional*<sup>11</sup>, havendo assim o monitoramento da fala a partir do emprego de expressões verbais como: sabe?; tá entendendo?; entendeu?; olhe e, viu?, cuja flexão de pessoa (3ª pessoa do singular) se relacionou diretamente com

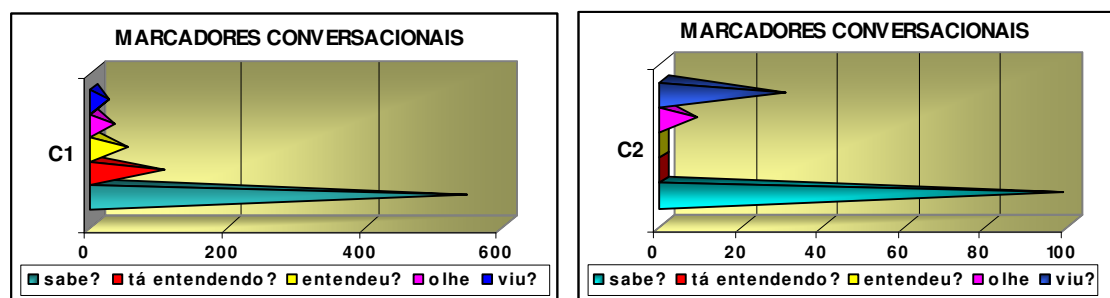
---

<sup>11</sup> Optamos por adotar o termo *Marcador Conversacional* (Código MC) por ser o mais comum e aceitável entre os lingüistas brasileiros, consoante Koch (1996), e por transparecer um tipo específico de texto oral de nosso interesse: a conversação. Esta que é a “primeira das formas da linguagem a que estamos expostos”, responsável pela integração de nossas “práticas diárias”, independentemente, do nível sociocultural (Castilho, 2002:29; Marcuschi, 1986: 14).



a pessoa gramatical do pronome implícito (*você*). Este ora exerceu a função sintática de *sujeito oculto (elíptico)* ora de *vocativo*<sup>12</sup>, ambas inferíveis pelo contexto, referindo-se predominantemente ao(à) documentador(a), embora deste o entrevistado não obtivesse, muitas vezes, *feedback*. Neste caso, das 744 ocorrências dos MC's priorizados no *Corpus 1*, 542 equivalem à forma verbal *sabe?* e 102 à expressão *tá entendendo?*, o correspondente a 86,5 % em C1. Já os informantes do *Corpus 2* deram destaque às expressões verbais *sabe?* (98 ocorrências) e *viu?* (30 ocorrências), equivalendo a 94 % de 136 casos, ainda que os dados quantitativos digam respeito a três MC's, consoante gráficos 9 e 10.

GRÁFICOS 9 E 10 – Frequência, em valores absolutos, dos MC's representativos da forma pronominal *você* (não-explicita) nos dois *corpora*:



Dentre os MC's analisados, o informante 106/C1 empregou, enfaticamente, a expressão verbal *tá entendendo?* 56 vezes, o equivalente a 55 % das 102 ocorrências no *Corpus 1*, sendo o restante (46 ocorrências) empregado por sete informantes. Por mais que o entrevistado intencionasse “monitorar” seu interlocutor, deste quase não obteve *feedback* devido até mesmo à forma como o fez: quase ininterruptamente; a não ser por meio de gestos (pressupomos) e risos, isto é, de *recursos não-verbais ou paralingüísticos*, a partir dos quais o ouvinte procurou manter ou mesmo regular o contato entre eles. (Marcushi, 1998: 63).

1     **INF:** [...] quando eu me formei né?... eh... o... o próprio  
 2         merCado do turismo não dá valor... não dá valor **tá**  
 3         **entendendo?**

<sup>12</sup> Segundo Cegalla (1997: 295), com base em critérios estruturais.

4     **DOC:** ((ri))  
 5     **INF:** a pessoa que é formada **tá entendendo?** não é porque  
 6         MUItos... começaram a trabaLHAR... adquirindo... a PRÁtica mas  
 7         SEM TER uma teoria **tá entendendo?** sem ter um estudo...  
 8         e... nós não... as as pessoas que... foram são formadas em  
 9         tuRISmo né?... elas passaram... QUATro anos na faculdade e  
 10        quatro anos estuDANdo... mas quando saíram não tiveram... a  
 11        prática **tá entendendo?**... que é o que eles MAIS... querem  
 12        né?... além de que... o que eles dizem né? que todo MUNdo  
 13        consegue fazer o trabalho que a gente faz **tá entendendo?**...ma  
 14        pagam muito mal principalmente a gente agência de agência de  
 15        viAgem né? paga... POUquíssimo não dá valor o trabalho da gente  
 16        NUM é reconhecido... **tá entendendo?**... é uma é uma... é um  
 17        campo MUIto bonito MUIto vasto mas MUIto você tem que  
 18        trabalhar MUIto **tá entendendo?** porque v não você não tem  
 19        Férias você não tem final de semana [...]

(INF106/C1 – p. 629, L1–L19)

Diferentemente do que ocorrera no inquérito 106/C1, em relação ao emprego da expressão verbal *tá entendendo?*, o informante 7/C2 conseguiu monitorar bem seu interlocutor a partir do emprego do marcador conversacional *sabe*, obtendo de seu ouvinte *feedback* a cada vez que o empregava. É tanto que, dos 98 casos no *Corpus 2*, foram 32 por ele empregados, isto é, aproximadamente 33 %.

47    **INF:** [...] às vezes meu tio me leva pra jogar nesses campos  
 48        assim de empresa **sabe**  
 49    **DOC:** Mhn mhn.  
 50    **INF:** [...] perto lá de casa  
 51        que tem um campo gramado e a gente aluga **sabe** [...]  
 52        [...] e vôlei só de vez em quando lá  
 53        na minha rua também  
 54    **DOC:** Mhn mhn. Escute. Agora, Roberto, eu queria que você me falasse... Você disse  
 55        que mora com seus avós, não é isso?  
 56    **INF:** é,

-----  
 85    **INF:** e meu pai já se casou com é eu chamo ela tia Lúcia **sabe**  
 86    **DOC:** Mhn.

-----  
 164   **INF:** [...] eu gostei mais do filme  
 165        porque falou muito do Ceará **sabe**  
 166    **DOC:** Certo. Mas o enredo em si era Lampião?  
 167    **INF:** Cangaceiro Trapalhão [...]

-----  
 171   **INF:** porque ele fica como sendo Lampião **sabe** Lampião dois  
 172    **DOC:** Sim.

(INF7/C2 – p. 176, L47–L56; p. 177, L85–L86 e p. 180, L164–L167, L171–L172)

Tais resultados evidenciam que, mesmo “irrelevantes” para o processamento dos assuntos em ambos os *corpora*, os MC’s foram responsáveis pelo monitoramento da

fala durante a entrevista, de forma a desempenharem um importante papel na manutenção do processo interativo entre os falantes de Fortaleza (Castilho, 2002:47). Nesse caso, segundo Marcushi (1998:71), não tiveram apenas um valor fático, mas serviram para marcar “a posição pessoal do ouvinte localmente”, com o auxílio direto ou indireto de outros MC’s como: Ah é, né?; né?; num é isso?; olha; ouviu?; tá?, dentre outros, de maneira a desencadear diferentes reações nos interlocutores: confirmação, negação, encorajamento, desencorajamento, apoio ou solicitação de esclarecimentos.

A partir do que analisamos, concernentemente aos *corpora* 1 e 2, concluímos ser a forma pronominal *você*, seguida de verbo na 3ª pessoa do singular, um *caso de norma* na linguagem falada em Fortaleza, portanto, de emprego majoritário entre os fortalezenses, e o pronome *tu* ser um *caso de uso*, esteja este seguido de verbo na 2ª ou 3ª pessoa do singular. Neste caso, tanto o interlocutor quanto o tipo de registro – *diálogo entre documentador e informante* – tiveram um papel fundamental no desempenho lingüístico dos sujeitos, pois ora o entrevistador conduziu a conversação (no C2) ora o entrevistado (no C1). Enquanto este empregou a forma pronominal *você* (explícita ou não) ao se referir tanto a jovens quanto a idosos; aquele a utilizou ao se reportar, em especial, aos mais jovens para lhes fazer perguntas com base em um “questionário-guia de entrevista”. Implica dizer que o fator extralingüístico idade também foi determinante em sua priorização, sobretudo no *Corpus 2*. Ainda em relação ao emprego majoritário do pronome *você* nos dois *corpora*, mesmo havendo certo equilíbrio estatístico quanto à influência da variante sexo (masculino e feminino) no C2 e prevalecendo o feminino no C1, as mulheres não “rotularam” jovens e velhos a partir dos pronomes de tratamento *você* e *senhor(a)*, respectivamente, e adotaram a primeira forma para se referirem a interlocutores de ambos os sexos.

Além de indicar referência ao informante ou ao documentador, como uma forma de tratamento entre eles, a proeminente variável lexical *você*, com respectivas variações, assumiu os seguintes valores semântico-pragmáticos em ambos os *corpora*: a) denotou “indeterminação do interlocutor”, podendo referir-se a qualquer pessoa; b) serviu de marcador conversacional, em que a fala do interlocutor foi monitorada mediante emprego de expressões verbais, tais como: sabe? tá entendendo?; entendeu?; olhe e viu?, cuja flexão de pessoa (3ª pessoa do singular) se relacionou diretamente com a pessoa gramatical do pronome implícito (*você*), assumindo este a função sintática de

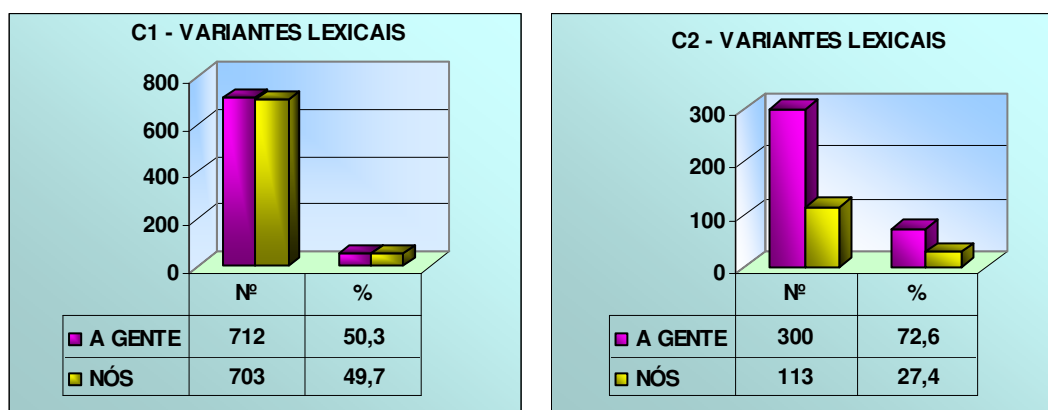
*sujeito oculto(elíptico)* ou de *vocativo*. Confirmam-se, pois, as hipóteses relativas às duas variantes lexicais estudadas.

### 3.1. 2. A GENTE / NÓS

Em relação às variantes lexicais *a gente* e *nós*, levantamos a hipótese de que os fortalezenses selecionarão a expressão *a gente*, seguida de verbo na 3ª pessoa do singular, por ser uma forma pronominal “inovadora” tanto entre os mais jovens quanto os mais idosos, configurando-se como *caso de norma*, ao passo que a forma pronominal *nós*, seguida de verbo na 1ª pessoa do plural, será tida como *caso de uso* (de emprego minoritário). Tal priorização se dará mais devido a fatores extralingüísticos (idade e sexo dos sujeitos; situação comunicativa/tipo de registro; relação estabelecida entre os *interactantes* e uma possível motivação temática) do que lingüísticos.

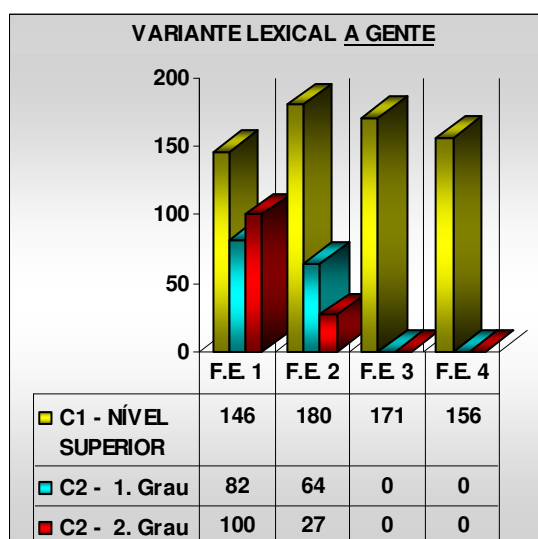
Ao fazermos o levantamento quantitativo das supracitadas variantes, como ilustram os gráficos 11 e 12, verificamos certo equilíbrio no emprego de *a gente* e *nós* no *Corpus 1*: 712 (50,3 %) e 703 (49,7 %), respectivamente, prevalecendo a atualização da primeira forma. Enquanto, no *Corpus 2*, os valores numéricos da primeira expressão denotaram ser, quantitativamente, superiores aos da segunda: 300 (72,6 %) contra 113 (27,4 %). Todavia, nos dois *corpora*, os resultados obtidos foram 1012 (55,4 %), quanto ao emprego da expressão *a gente*, e 816 (45,6 %), quanto ao do pronome *nós*, denotando uma diferença de 196 ocorrências (9,8 %).

GRÁFICOS 11 E 12 – Frequência, em valores absolutos e percentuais, das variantes lexicais *a gente* e *nós* em C1 e em C2:



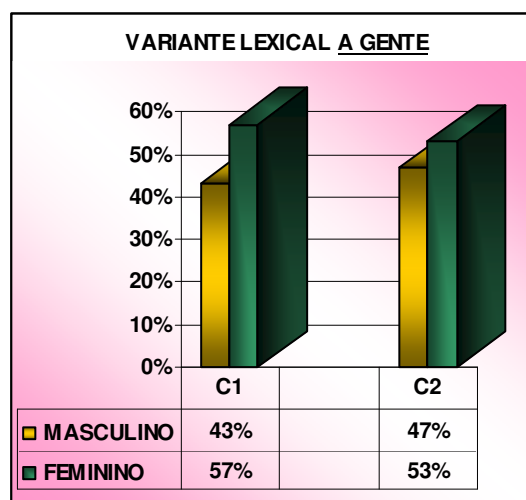
Na linguagem falada em Fortaleza, apesar de coexistir sua forma correspondente *nós*, a expressão *a gente* assegurou uma “posição de destaque” entre os fortalezenses de nível superior, sendo empregada por 100 % dos falantes de 3ª e 4ª faixas etárias do *Corpus 1*, a saber, por oito informantes, cuja idade varia de 41 a 67 anos. Estes, embora às vezes assumam uma atitude lingüística conservadora, ao usarem convencionalmente os pronomes pessoais retos *tu* e *nós*, por exemplo, tendem a “incorporar” a referida “forma inovadora” no processo sócio-interacional, mostrando-se mais flexíveis a mudanças. Ao passo que, no *Corpus 2*, prevaleceu seu emprego entre os de 1ª faixa etária, que têm de 14 a 26 anos (80 %, quer dizer, oito informantes). Implica dizer que, do total de informantes nos dois *corpora*, entre jovens e idosos, 67 % empregaram a referida forma pronominal. Deste modo, consoante gráfico 13, de 926 ocorrências da forma pronominal *a gente*, 653 foram realizadas pelos informantes de nível superior (70,5 %) e 273 pelos de 1º e 2º Graus (29,5 %), destacando-se, porém, as de 2ª faixa etária no primeiro caso e, no segundo, as de 1ª faixa etária: 19 % (180) e 20 % (182), respectivamente, do total de ocorrências nos dois *corpora*. Tais resultados evidenciam que a expressão *a gente*, por não ser estereotipada, adquire aos poucos *autonomia* entre os falantes de Fortaleza.

GRÁFICO 13 – Distribuição da expressão *a gente*, em valores absolutos, de acordo com a faixa etária e o nível escolar dos informantes nos dois *corpora*:



Um outro aspecto a relevarmos é o destaque feminino nos dois *corpora*, contrariando o mito de que as mulheres, por se preocuparem mais com a aparência/a forma, transferem tal postura para a linguagem, valorizando assim formas prestigiadas socialmente. Quanto ao emprego de *a gente*, elas se mostraram mais flexíveis na linguagem, menos formais, apesar de haver pouca diferença em relação aos homens: 14 % no C1 e 6 % no C2, como evidencia o gráfico 14. Isso reforça o argumento de que as distinções lexicais entre sexos são menos acentuadas nas sociedades ocidentais e tendem a desaparecer, progressivamente (Paiva: 67).

GRÁFICO 14 – Distribuição, em valores percentuais, do número de ocorrências da expressão *a gente*, de acordo com o sexo dos informantes, em ambos os *corpora*:



Diferentemente do que ocorrera com o pronome *você*, em que os entrevistados conduziram a conversação no *Corpus 1* e os documentadores no *Corpus 2*, a forma pronominal *a gente* foi empregada, sobretudo, pelos informantes em ambos os *corpora*: 91,5 % do total de 1012, sendo empregados pelos entrevistadores apenas 8,5 %, ou seja, 86 casos, dentre os quais 15 % se referiram a *documentador+informante* (código **DOC+INF**). Nesse caso, eles empregaram a expressão *a gente* – seguida de verbo na 3ª pessoa do singular, equivalendo à forma pronominal *nós* – para indicar ao entrevistado quando retomar, continuar ou finalizar um assunto abordado na entrevista.

## Ex1

- 773 **DOC:** [...] agora pensando pensando  
 774 pensando assim agora na  
 775 relação voltando a aos militares né? que **a gente**  
 776 **INF:** uhn  
 777 **DOC:** tinha  
 778 esquecido esse assunto ((riu))  
 779 **INF:** sim

(INF5/C1 – p. 50, L767-L773)

## Ex2

- 1 **DOC:** Edivane, agora **a gente** vai continuar a nossa entrevista batendo um papo, certo? <sup>13</sup>  
 2 **INF:** tá certo,

(INF16/C2 – p. 389, L1–L2)

## Ex3

- 986 **DOC:** [...] Ozéas, eu acho que **a gente** vai encerrar por aqui, ouviu?  
 987 **INF:** se você acha que tá bom  
 988 **DOC:** É, num tá bom porque ainda num completou a fita mas...  
 989 **INF:** mas se você quiser completar nós completa,  
 990 **DOC:** Então vamos completar. [...]

(INF18/C2 – p. 464, L584–L587; p. 478, L986–L990)

No decorrer da entrevista, como os informantes relataram situações vivenciadas por eles e outras pessoas com as quais conviviam diariamente e/ou com quem possuíam *um grau de afinidade/um vínculo afetivo*, a expressão *a gente*, na(s) forma(s) explícita e/ou não-explícita, ao assumir a posição sintática de sujeito<sup>14</sup>, por exemplo, equivaleu predominantemente a *informante+outra(s) pessoa(s)*, *excetuando-se documentador*. Em outros contextos lingüísticos, ela assumiu ainda as seguintes referências:

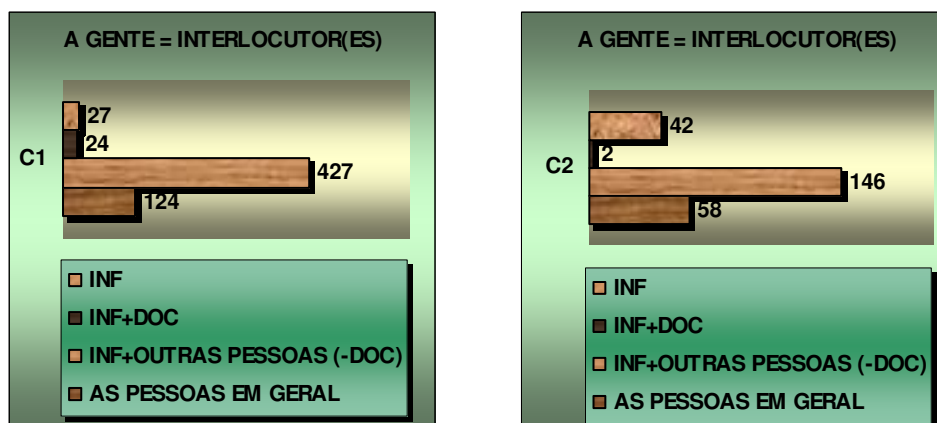
---

<sup>13</sup> Convém lembrar que, embora numericamente represente o início da entrevista, esta fora introduzida antes mesmo de sua gravação, como ocorrera com outras (v. nota de rodapé 8, página 34). Por isso de o documentador usar a expressão *continuar a nossa entrevista* (Inquérito 16/C2, p. 389, L1).

<sup>14</sup> A forma pronominal *a gente* assumiu a posição de sujeito em 91 % de sua ocorrência em C1 e 88 % em C2. Os percentuais restantes equivaleram a outras classificações sintáticas, como: adjunto adnominal, complemento nominal e complemento verbal (objeto direto e indireto), cuja análise desconsideramos por não serem, quantitativamente, significativos em relação às variantes lexicais: *você, tu e nós*.

1. *informante*; 2. *informante+documentador*; e 3. *as pessoas em geral*, denotando “indeterminação do interlocutor”, segundo gráficos 15 e 16.

GRÁFICOS 15 E 16 – Frequência, em valores absolutos, da expressão *a gente* em C1 e em C2, de acordo com o(s) interlocutor(es) a que se refere:



Tendo ainda por base os gráficos acima, observamos que nos dois *corpora*, de 850 ocorrências da forma pronominal *a gente*:

a) 67,5 % disseram respeito à referência *informante + outra(s) pessoa(s)*, *excetuando-se documentador*, sendo 427 em C1 e 146 em C2, havendo naquele um acentuado emprego: 71 % de 602 ocorrências das quatro referências.

Ex1

O informante 46/C1 empregou a expressão *a gente* ora para se referir a ele mesmo e a dois rapazes, denominados M. e J. (p. 534, L20-24), ora a ele mesmo e apenas ao J. (p. 539, L273-281), ao relatar *quando, onde e como* os três adquiriram experiência profissional. Chegou a alternar a referida expressão com a forma pronominal *nós*, cujo valor absoluto (61) se aproximou do daquela (64) no *Corpus 1* e cuja referência aos interlocutores também variou (ex.: p. 534, L6-L7, L20-L21; p. 539, L282), conforme situação comunicativa.

- 6 **INF:** [...] ah juntos... eu e mais... DOIS  
 7 do do grupo resolvemos fazer esse concurso... isso foi em mil  
 8 novecentos e sessenta e um... chamava CURso de Aprendizagem  
 9 Bancária...[...]



-----  
 19 **INF:** [...] o o curso NORMAL de de... da  
 20 formação regulAR... a... .a gente fazia à noite... então nós  
 21 fomos para o BNB... e ne nessa FASE de quatorze anos de  
 22 idade... e foi aí que éh muito cedo a gente começou a  
 23 trabalhar... (a gente) começou a trabaLHAR e e... (a gente começou a) TER um portanto  
 24 (a gente começou a) ter  
uma experiência profissional [...]  
 -----

273 **INF:** o. o M. foi pa PetroBRÁS... e EU e o  
 274 J. ... **a gente a** ... num sei quê que... acho que **a gente** num era  
 275 bom de entrevista... quando a ((ri)) quando **a gente** ia ter as  
 276 entrevistas... quando (**a gente**) chegava nas ((falou rindo)) entrevista aí  
 277 **a ... a ... a ... (a gente)** parava nas entrevista né? quer dizer... e foi  
 278 assim na PetroBRÁS e foi assim na IBM... e **a gente** foi  
 279 continuando lá lá... lá pelo banco... **a ...** e o que é certo é que  
 280 **a gente se deu muito bem na área de informática tanto eu quanto o**  
 281 J. ... o M. saiu pa Petrobrás... ele HOje ainda é engenheiro da  
 282 Petrobrás trabalha em Salvador... e eu e o J. continuamos no  
 283 banco [...]

(INF 46/C1 – p. 534, L6–L9; L19–L24; p. 539, L273 –L283)

## Ex2

Em relação à informante 8/C2, as referências atribuídas à expressão *a gente* foram as seguintes: 1. a ela mesma e aos amigos, nos festejos relativos ao término de 8ª Série, (p. 197, L44-46; p. 198, L47-49); 2. a ela mesma e à amiga Andréa Paula, cuja amizade conservará, mesmo não estudando mais juntas (p. 198, L63 e L64); e 3. a ela mesma e à irmã, com quem não se relaciona bem (p. 198, L71 e L72; p. 199, L79). Em seu inquérito, também alternou a referida expressão com a forma pronominal *nós*, dando prioridade a esta (40 casos) em detrimento daquela (26 casos).

44 **INF:** da oitava série a festa que houve foi ontem né [...]  
 45 [...] **a gente** teve uma missa né nós tivemos uma missa aqui no  
 46 colégio [...] **a gente** achou tudo

-----  
 47 bonitinho e tal foi ótima a festa, **a gente** dançou nós dançamos a valsa aqui no  
 48 colégio na quadra fo foi excelente a festa teve BOlo essas coisas toda **a gente**  
 49 bateu muito retrato [...]  
 -----

59 **INF:** eu tenho uma amiGOna mesmo, que é Andréa Paula, estu  
 60 entrou comigo, aqui no colégio [...]  
 -----

63 [...] eu sei onde é a casa dela ela sabe onde é a minha  
 64 **a gente** vai ficar procurando sempre se encontrar [...]  
 -----

71 **INF:** só eu e a minha irmã e três homens né de mulher só tem NÓS duas, então a  
 72 **gente** num se quer dizer num é **a gente** num se dá muito bem [...]  
 -----

76 **INF:** [...] quando eu digo coisa ela me entrega pra mamãe, mas eu gosto muito do  
 77 Marcinho meu irmão, porque ele é super legal, [...]

78 [...] ele ele num me entrega ele faz é me ajudar, é  
 79 ótimo esse aí me defende na casa quando **a gente tem uma briguinha ele ele que**  
 80 me defende [...]

(INF 8/C2 – p. 197, L44-49; L59-L60; L63-L64; L71-L72; p. 199, L76-L80)

b) 21,5 % equivaleram às *peessoas em geral*, de forma a haver indeterminação dos interlocutores (182 casos), podendo referir-se a “qualquer pessoa”, ou seja, na situação de entrevista, a expressão *a gente* é substituível por “a pessoa”, cuja identificação é imprecisa. Similar fenômeno lingüístico ocorrera, em nossa análise, quanto ao emprego de *você* (INF10/C1 – p. 169, L310 e L312; INF10/C2 – p. 239, L247, diferentemente da referência na p. 249, L543, que diz respeito ao informante).

#### Ex1

39 INF: [...] dificilmente haveria uma política  
 40 que contentasse a todos esses interesses ao mesmo tempo NUM  
 41 nível ou numa esCALa maiOR de interesses... há há sempre  
 42 nesse moMENto que **a gente** coloca esses argumentos alguém diz  
 43 “bem... existem interesses menores conflitantes mas no fundo  
 44 existe um interesse geral comum a todos eles” ... [...]

-----  
 55 INF: [...] então... primeiro... se **a gente**  
 56 pode falar em classe dominante... (**a gente**) tem que reconhecer que não  
 57 é uma coisa homogênea... [...]

-----  
 308 INF: [...] existem umas  
 309 grandes variÁveis que **a gente** tem que pensar quando  
 310 (**a gente**) analisa ((ruído)) os fenômenos históricos... você percebe a  
 311 História como uma coisa determiNAda... né? há um  
 312 determinismo... ou você pode perceber a História como uma  
 313 coisa volun- TARISta... assim ou seja **a gente** faz o que  
 314 QUER...as coisas são assim porque os homens QUERem...[...]

-----  
 322 INF: determinismo quer dizer num dePENde do que **a gente** queira...

(INF10/C1 – p. 164, L39-L44; L55-L57; p. 169, L308-L314; L322)

#### Ex2

245 INF: [...] se muita gente pensar que cursinho **a gente** (  
 246 incompreensível) vai fazer cursinho e (**a gente**) pensa que (**a gente**) já tá (**a gente**) já já  
 passou pelo vestibular  
 247 não, cursinho só é só uma um uma coisa você vai ver pra depois ser  
 248 aprovado no vestibular é isso que é aí né

-----  
 543 INF: Que que você acha do primeiro mandamento?

-----  
 548 **INF:** [...] primeiramente **a gente** tem que adorar primeiro **a (gente)** tem que pedir  
 549 primeiro a Deus, aí depois (**a gente** tem que) pedir o o santo, que muita gente faz reverência ao  
 550 santo tá entendendo [...]

(INF10/C2 – p. 239, L245-L248; p. 249, L543; L548-L550)

c) 8 % ou 69 ocorrências se referiram apenas ao *informante*, sendo 27 em C1 e 42 em C2. Nos inquéritos 12/C1 e 14/C2, por exemplo, como os entrevistados falaram sobre eles próprios, prevaleceu a 1ª pessoa discursiva (eu), mesmo ficando o verbo flexionado na 3ª pessoa do singular por influência do emprego da expressão *a gente*. Ao analisarmos o conteúdo dos trechos ora transcritos, percebemos que a idéia expressa pela forma pronominal *a gente* se vincula, direta ou indiretamente, a elementos discursivos de 1ª pessoa: INF12/C1 (p. 189, L147 e L148; L150; p. 220, L1314 e 1315) e INF14/C2 (p. 334, L63, L65, L67 e L69).

#### Ex1

146 **INF:** [...] então eu adoRAva  
 147 aquela saia também fiz **a gente ficava um pouco mais velha** sabe?  
 148 **se olhar a minhas foto**  
 149 **DOC:** uhn uhn  
 150 **INF:** num tá tanto aGOra **a gen... pareço muito mais velha por causa**  
 151 **da da roupa né?**  
 152 **DOC:** uhn uhn

-----  
 1309 **DOC:** [...] o que  
 1310 manequim ah os rapazes mais ad procuravam nas mulheres? comé  
 1311 que era?  
 1312 **INF:** ah  
 1313 **DOC:** GORda? magra? alta?  
 1314 **INF:** aí **a gente pode falar? assim com detalhes?**  
 1315 **eu posso posso posso ficar à vontade**  
 1316 ((risos)) então você me  
 1317 **DOC:** POde pode falar é ótimo eu eu quero é que fale mesmo

(INF12/C1 – p. 189, L146–L152; p. 220, L1309–L1317)

#### Ex2

62 **DOC:** Já tem namorada certa?  
 63 **INF:** **não, tenho não,**  
 64 **DOC:** Não? Mas nunca teve?  
 65 **INF:** **já, mas namorada dá muito problema**  
 66 **DOC:** Por quê?  
 67 **INF:** **é muito complicado, (a gente) tem que ir pra casa dela (a gente tem que) chegar na hora certa**  
 um negócio,

68 **DOC:** Mas por que isso é problema?

69 **INF:** é porque o tempo é pouco eu tenho que estudar eu trabalho

(INF14/C2 – p. 334, L62–69)

d) 3 % ou 26 casos da expressão *a gente* se referiram a *informante+documentador*, nos instantes em que este foi incluído nas considerações feitas por aquele (equivalendo à forma pronominal *nós*), mantendo-se o verbo flexionado na 3ª pessoa do singular. Em geral, alternou-se a referida forma pronominal com o pronome pessoal reto *nós* que, além de ter o verbo flexionado na 1ª pessoa do plural – de acordo com o padrão gramatical (807 casos ou 99 % de 816) – possibilitou as seguintes estruturas: *nós* + verbo na 3ª pessoa do singular (6 casos ou 0,7 %) e *nós* + se (pronome pessoal oblíquo de 3ª pessoa singular/plural) + verbo na 1ª pessoa do plural (3 casos ou 0,3 %), totalizando, juntas, 1 % apenas.

Ex1

354

355 **INF:** [...] como todos os

356 brasileiros querem... mas... mas vamo ver o que que DÁ

357 **gente** vamo... eh é aquela... questão toda né? enquanto há

358 vida há esperança **a gente** sabe que de rePENte quem entra

359 numa coisa dessa entra pra ganhar mesmo né?... [...]

(INF20/C1 – p. 292, L354–L358)

Ex2

584 **INF:** quando num é quando não fuma maconha toma compriMido né

585 faz tudo isso, MUIta gente mesmo, que a gente conhece

586 **DOC:** Tá entrando nessa, né?

587 **INF:** é,

(INF18/C2 – p. 464, L584–L587)

Tais referências denotam, portanto, haver uma diferença entre o que falamos e o que, em geral, as gramáticas da Língua Portuguesa tendem a registrar como padrão lingüístico, levando-nos a refletir: O que é modelo nas atividades dos manuais escolares, dos livros didáticos: *a gente* ou *nós*? Quando lhe atribuem um valor semântico, relevam também o aspecto pragmático? Surpreende-nos o fato de os gramáticos divergirem entre si quanto à inclusão de *a gente* no quadro dos pronomes, sendo seu emprego, enquanto possibilidade de variação da forma padrão *nós*, simplesmente ignorado pela maioria

deles. Cunha e Cintra (1985: 288), por exemplo, explicam ser aquela forma pronominal empregada em substituição ao pronome *nós* e ao *eu* no “colóquio normal” (no item *Fórmulas de representação da 1ª pessoa*), entretanto ponderamos o porquê de a empregarem sob o rótulo *fórmula* a ser representada no *colóquio normal*, cujas exemplificações são de autores consagrados nas literaturas brasileira e portuguesa. Paradoxalmente, de um lado temos um ideal de língua baseado no uso dos grandes escritores e que tentam espelhar a língua falada e escrita do Brasil e de Portugal, tendo a literatura por modelo, e de outro temos uma variedade lingüística, que não é padrão ideal, mas realização concreta em nossa língua materna.

#### FÓRMULAS DE REPRESENTAÇÃO DA 1ª PESSOA

*No colóquio normal, emprega-se a gente por nós e, também, por eu:*

*Houve um momento entre nós  
Em que a gente não falou.  
(F. Pessoa, QGP, n° 270.)*

*- Não culpes mais o Barbaças, compadre! A gente só  
queria gastar um bocadito do dinheiro.  
(F. Namora, TJ, 165.)*

*- Você não calcula o que é a gente ser perseguida pelos  
homens. Todos me olham como se quisessem devorar-me.  
(C. dos Anjos, DR, 41.)*

*Como se vê dos exemplos acima, o verbo deve ficar sempre na 3ª pes-  
soa do singular.  
[...]*

Tendo em vista as considerações feitas anteriormente, concluímos que o emprego majoritário da forma pronominal *a gente* – seguida de verbo na 3ª pessoa do singular – na linguagem falada em Fortaleza, deve-se ao fato de o informante conduzir, prioritariamente, a conversação nos dois *corpora*, configurando-a como *caso de norma* entre os fortalezenses e o pronome pessoal reto *nós* – seguido de verbo na 1ª pessoa do plural – como *caso de uso*. Nos constantes relatos que fizera ao documentador, no que diz respeito aos interlocutores, o entrevistado atribuiu diferentes valores semânticos à expressão *a gente*, na(s) forma(s) explícita e/ou não-explícita, ao assumir,

predominantemente, a função sintática de sujeito: 1. *informante*; 2. *informante+documentador*; 3. *informante+outra(s) pessoa(s)*, *excetuando-se documentador* e 4. *as pessoas em geral*, denotando “indeterminação do interlocutor”. Embora se tenha destacado entre os informantes de nível superior, a referida forma pronominal foi empregada em todas as faixas etárias, adquirindo “autonomia” entre os mais jovens e os mais idosos, sobretudo entre as mulheres que, lingüisticamente, tenderam a inovar. Ratificamos, pois, as hipóteses pertinentes às duas variantes lexicais estudadas.

### 3.2. VARIANTES SINTÁTICAS ANALISADAS

*“A regência, como tudo na língua, a pronúncia, a acentuação, a significação, etc., não é imutável. Cada época tem sua regência de acordo com o sentimento do povo, o qual varia, conforme as condições novas da vida. Não podemos seguir hoje exatamente a mesma regência que seguiam os clássicos; em muitos casos teremos mudado.”*  
(Nascentes: Luft, C. P., 2000: 15)

#### 3.2.1. VERBO ASSISTIR

Entre os gramáticos há o consenso de que o verbo *assistir*, no sentido de *presenciar / estar presente*, é TRANSITIVO INDIRETO, devendo o objeto indireto (OI) ser precedido da preposição *a* (BECHARA, 2001: 572; CEGALLA, 1997: 435-436; CUNHA & CINTRA, 1985: 508; LUFT, C. P., 2000: 79; e ROCHA LIMA, 1998: 422). Excetuando-se Bechara, cuja abordagem é sucinta e não apresenta exemplificações quanto à regência do verbo *assistir*, estes afirmam ainda que, se o referido complemento verbal for expresso por um pronome pessoal, de 3ª pessoa, exigirá a forma *a ele(s)* ou *a ela(s)*; e não *lhe(s)*, como exemplificado a seguir:

*Assisti a algumas touradas.* (A . F. Schmidt)

*Infelizmente os meus olhos não gozaram a bem-aventurança de assistir a esse capítulo vivo do nosso evangelho.* (Rui Barbosa)

*Populares assistiam à **cena** aparentemente apáticos e neutros.* (Érico Veríssimo).

*Não é propósito nosso descrevermos uma corrida de touros. Todos têm assistido **a elas** e sabem de memória o que o espetáculo oferece de notável.* (Rebello da Silva)

*Enfim, mais uma corrida de obstáculos. Vamos assistir **a ela**, curiosos e em dieta de legumes.* (C. Drummond de Andrade)

*Lá vão uns frades celebrar um auto! Não serei eu que assista **a ele**.* (Alexandre Herculano)

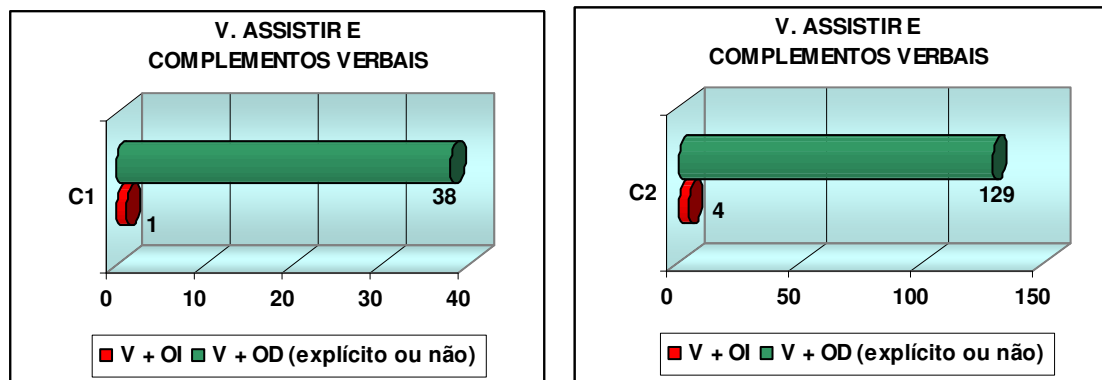
Na linguagem coloquial brasileira, porém, prefere-se a forma gramaticalmente estereotipada *assistir* + *objeto direto* (OD), sem preposição, segundo Cunha & Cintra, 1985: 508; e Luft, C. P., 2000: 79 (exs: “*Vais assistir os ensaios? Que ensaios assististe?...*”), sendo comum entre escritores modernos, a saber, C. Lispector (ex.: *Trata-se de um filme que eu assistia.*) e Autran Dourado (ex.: *Dava dinheiro e corrompia para fazer passar de novo e sempre as fitas que não assistira.*). Por acreditarmos ser a regência *assistir* + *objeto direto* (explícito ou não) também bastante comum na linguagem espontânea de Fortaleza, levantamos a hipótese de que os fortalezenses a priorizarão, configurando-a como *caso de norma* em relação à regência consagrada pela gramática normativa, de emprego minoritário, que será tida como *caso de uso*. Isso ocorrerá mais devido a fatores extralingüísticos (idade e sexo dos sujeitos; situação comunicativa/tipo de registro; relação estabelecida entre os *interactantes* e uma possível motivação temática) do que lingüísticos.

Ao analisarmos, quantitativamente, os dados concernentes à linguagem falada em Fortaleza, no que diz respeito ao emprego da referida variante sintática, constatamos que a regência *assistir*<sup>15</sup> + OI representou apenas 3 % de 172 casos nos dois *corpora* e a regência *assistir* + OD (explícito ou não) correspondeu a 97 % do total, priorizando-se o *objeto direto explícito* em detrimento do *objeto direto implícito*: 24 / 14 em C1 e 78 / 51 em C2. Em cada *corpus*, averiguamos os mesmos percentuais, embora os valores absolutos tenham sido bem díspares: 38 / 1 em C1 e 129 / 4 em C2, de acordo com os gráficos 17 e 18.

---

<sup>15</sup> Incluem-se verbos no infinitivo e locuções verbais, às vezes com omissão do verbo auxiliar.

GRÁFICOS 17 E 18 – Frequência, em valores absolutos, do verbo *assistir* em relação aos complementos verbais em C1 e C2:



A predileção lingüística pela regência *assistir* + *OD* (explícito ou não) nos dois *corpora* está vinculada, direta ou indiretamente, à forma como a entrevista foi conduzida pelo documentador. Este, ao entrevistar os informantes, utilizou-se de um “questionário-guia de entrevista”, a partir do qual foram abordados temas voltados a questões familiares, profissionais e socioculturais. Por isso de certas variantes sintáticas sobressaírem em alguns relatos pessoais, a saber, o próprio verbo *assistir*, bem como os verbos *chegar* e *ir*, em que percebemos uma relação direta (ou indireta) entre o título do inquérito, o tema e cada variante sintática em estudo.

No *Corpus* 1, como o entrevistador facultou ao informante conduzir parte do tempo da entrevista, este foi quem mais empregou o verbo *assistir*: 87 % das 39 ocorrências – dentre as quais 2 % tiveram por complemento verbal o *objeto indireto* e 85 %, o *objeto direto* (54 % na forma explícita e 31 % na implícita) – enquanto os 13 % restantes foram pelo documentador empregados, em que o verbo *assistir* teve por complemento verbal o *OD* (8 % na forma explícita e 5 % na implícita). Salientamos que o emprego da referida variante sintática se deu devido ao valor semântico que lhe foi atribuído nos inquéritos (v. *assistir* no sentido de *ver / presenciar*), havendo assim uma motivação temática, como por exemplo, nos de N° 6 e N° 20, cujos títulos são, respectivamente, “Lazer e estudo” e “Esportes”. Neste último, a morte de Ayrton Senna e os jogos da seleção brasileira suscitaram seu expressivo emprego: 15 casos, o equivalente a 38 % do total estimado em C1.



## Ex1

477 **INF:** [...] quando num vou à PRAia  
 478 ... a gente fica em CAsa **assistindo filme** no vídeo meu  
 479 esposo aDOr **assistir filme** e eu  
 480 acompanho né? eu gosto muito de acompanhar ele nisso... [...]

-----  
 572 **INF:** às vezes meu esposo me leva até pra **assistir filme** assim  
 573 mais... FICÇÃO sabe?

-----  
 592 **INF:** [...] ... último filme **que** eu **assisti** de ((ruído))...  
 593 de comédia lembro que foi  
 594 um que eu nem gostei muito... [...]

-----  
 604 **INF:** [...] na televisão eu num **assisto** muito **drama** porque... [...]

-----  
 608 **INF:** [...] eu não queria **assistir o filme**  
 609 ah de repente eu num  
 610 **assistia** Ø tava ali ele tava **assistindo** Ø de repente eu **assistia** Ø ...

-----  
 619 **INF:** [...] eu **assisto o o... o esporte...**  
 620 **futebol de salão** que o meu esposo adora... muitas vezes eu sou obrigada a **assistir**

(**INF6/C1** – p. 90, L477–L480; p. 93, L572–573; L592–L594; p. 94, L604; L608–L610; L619–L620)

## Ex2

3 **INF:** [...] então ligava-se a televisão pra **assistIR**... NÃO **a corrida**  
 4 propriamente dita mas de repente pra ver alguém da GENte...

-----  
 15 **INF:** [...] por incrível que pareça... **assisti**... **TOda a corrida**...  
 16 NÃO por **assistir a corrida** mas por... pra pra... poder obTER  
 17 informações né?...

-----  
 36 **INF:** [...] e eu feito louca... impressionante... feito louca querendo  
 37 **assistir todos os jornais** né? [...]

-----  
 48 **INF:** [...] então saía de casa e fazia assim... eu  
 49 digo “olha **assistam tudo** que eu quero saber de tudo...” [...]

-----  
 93 **INF:** [...] o *Globo Repórter* né? no na sexta-FEIRA... TUDO sobre ele e  
 94 eu LÁ **assistindo aquele negócio todo** e de repente são todas  
 95 as notícias né?...

-----  
 100 **INF:** [...] DOMINGo né?... teve corrida e tal... e como todo  
 101 brasileiro tinha... se dito assim “não num vou mais **assistir**  
 102 **corrida** né?... corrida acabou e tal” ... SÓ QUE EU senti uma  
 103 necessidade inCRÍvel de **assistir** Ø por incrível que paREça sabe?

-----  
 355 **INF:** [...] pelo que a gente VÊ sabe? eu prefiro ficar assim na na  
 356 na... sabe? queRENdo VER sabe? ficar MESMO... **assistIR** Ø  
 357 querendo viBRAR querendo que ganhe e tal... [...]

-----  
 1075 **INF:** [...] no ÚLtimo jogo Montanaro tava **assistindo esse jogo** e ele...  
 1076 ele se acaBOU... de choro... sabe?... [...]

(**INF20/C1** – p. 285, L3–L4; L15–L17; p. 286, L36–L37; L48–L49; p. 287, L93–L95; L100–L103; p. 292, L355–L357; p. 308, L1075–1076)

Em 100 % dos casos, no *Corpus 2*, o documentador interpelou o informante acerca dos programas a que assistia na televisão, em geral, a partir de uma “ficha social” preenchida anteriormente, cujos assuntos eram peculiares ao cotidiano do entrevistado, o que propiciou um diálogo mais espontâneo, sem preocupação com a norma gramatical; razão pela qual a regência verbal *assistir + OI* foi empregada três vezes pelo informante e apenas uma vez pelo entrevistador. Tal procedimento metodológico, além de favorecer o emprego majoritário da regência verbal *assistir + OD* pelo entrevistador (53 % de 129 ocorrências, em que o referido complemento verbal equivaleu a 35 % na forma explícita e 18 % na implícita), influenciou o discurso do informante, que ora retomava a supracitada regência usando o OD explícito (26 %) – algumas vezes anteposto ao verbo – ora o OD implícito (21 %), ou seja, 47 % dos casos.

## Ex1

272 **DOC:** [...] Escute. E você disse que assiste novelas, assiste filmes.

273 Eh, qual o filme que mais lhe... [...]

274 que mais você gostou?

275 **INF:** (incompreensível) eu acho aqueles filmes de terror sabe

-----  
278 **DOC:** Conta um deles pra mim. Nunca assisti filme de terror

-----  
281 **INF:** teve um um tempo aí que passava é *Casa do terror* né passava muito

282 tarde, só **assisti** Ø uma vez

-----  
299 **DOC:** Agora, ontem eu fui fazer... você não assistiu *Roda de Fogo*, não?

300 **INF:** não, num gosto não, [...]

-----  
303 **INF:** [...] eu gosto é da das seis, que passa essa que passou da Sinhá

304 *Sinhazinha Moça*,

305 **DOC:** Ah! Sei. Sinhá Moça. Eu também assisto umas partes. Olha, *Roda de Fogo* eu gosto

306 muito. Inclusive, ontem eu não **assisti** Ø. Eu eu estava dando aula. Não **assisti** Ø. Você

307 não **assistiu** Ø ontem não?

308 **INF:** não,

309 **DOC:** *Roda de Fogo*.

310 **INF:** só assim eu depois do do *Jornal Nacional* eu **assisto** Ø todo dia aí saio,

(INF9/C2 – p. 220, L272– L275; L278; p. 221, L281 e L282; L299 e L300; L303– L310)

## Ex2

47 **DOC:** E você assistiu aquele filme que passou na televisão, que anunciou bastante na Glo

48 bo? *Pixote*?

49 **INF:** não, *Pixote* num **assisti** não,

50 **DOC:** Não **assistiu** Ø? Mas você sabe do que trata a estória, não sabe? [...]

-----  
52 **DOC:** É sobre as crianças abandonadas. Eu pensei que você **tivesse assistido** Ø, porque

53 você demonstrou muito interesse sobre este assunto

54 [

55 **INF:** não, num **assisti**  $\emptyset$  não,  
-----

59 **DOC:** Mas um filme... Eu queria que você me contasse um filme assim que você **assistiu** e  
60 que você gostou. [...]  
-----

62 **DOC:** Sim, um filme de aventura ou romance...

63 **INF:** é eu **assisti** *Os Trapalhões* só, assim de aventura,  
-----

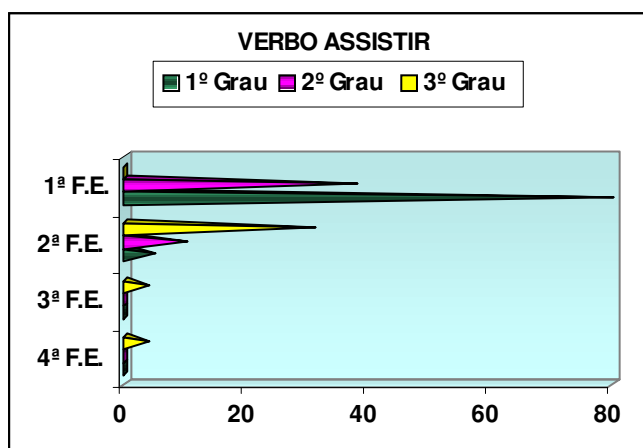
70 **DOC:** Pronto, Maria da Graça, você pode contar a estória de um filme que você **assistiu**  
71 que você gostou.

72 **INF:** legal, então' *O Pássaro Azul* (+) eu **assisti**, [...]

(INF11/C2 – p. 255, L47– L50; L52–55; L59 e L60; L62 e 63; L70–L72)

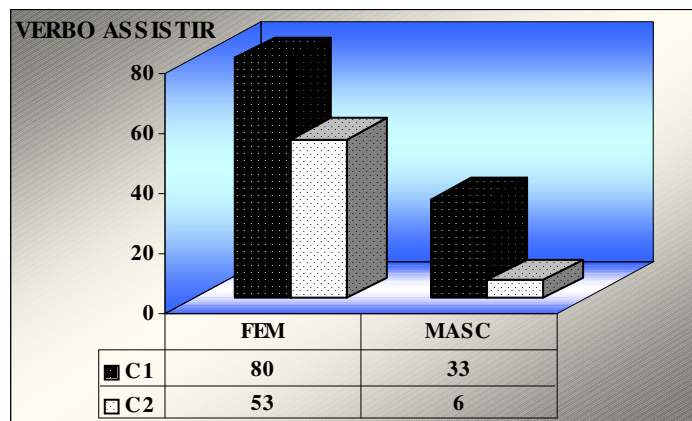
Mesmo que o verbo **assistir** tenha sido empregado por informantes das quatro faixas etárias e dos três níveis escolares, de acordo com o gráfico 19, sua ocorrência foi mais comum entre os de 1ª faixa etária, cuja idade varia de 14 a 26 anos: 69 % dos casos, ou seja, 118, em que 47 % foram empregados pelos que cursavam o 1º Grau e 22 % , o 2º Grau.

GRÁFICO 19 – Frequência, em valores absolutos, do verbo **assistir**, de acordo com o nível escolar e a faixa etária dos informantes, em ambos os *corpora*:



Informamos ainda que o referido verbo foi empregado sobretudo pelas mulheres, consoante dados do gráfico 20. Elas “dominaram” 60 % dos casos em C1 e 85 % em C2, enquanto os homens obtiveram, respectivamente, 40 % e 15 % das ocorrências. Neste caso, optamos por dizer apenas que elas foram incentivadas a falar de filmes e novelas bem mais do que os homens.

GRÁFICO 20 – Frequência, em valores absolutos, do verbo **assistir**, de acordo com o sexo dos informantes, em ambos os *corpora*:



Com base nos resultados deste estudo, indagamos por que alguns gramáticos tendem a objetar a referida construção “já consagrada pelo povo” que, na fala e na escrita, normalmente emprega: *Assisti o jogo*. Afinal, a conciliação desta à(s) “consagrada(s)” pela *linguagem formal* só viria a enriquecer o estudo da Língua Portuguesa, levando seu usuário a refletir, tanto diacrônica quanto sincronicamente, sobre os preconceitos lingüísticos oriundos das diferenças culturais, históricas e sócio-econômicas.

### 3.2.2. VERBO IR

Neste último item da análise concernente às variantes sintáticas, mais especificamente à regência do verbo **ir**, na acepção de *dirigir-se a algum lugar*, basear-nos-emos apenas na visão de Cegalla (1997: 437) e na de Luft, C. P. (2000: 342), visto que os demais autores a priori referidos não incluíram o supracitado verbo no estudo de regência verbal.

Inicialmente, chamamos a atenção ao fato de que o primeiro autor empregou o verbo **ir** para mostrar que ele tinha a mesma regência do verbo *chegar*. Todavia, no momento de exemplificar “tal coincidência gramatical”, só o fez com base na “língua culta”, quer dizer, na idéia de que é regido apenas pela preposição **a**: *Fomos a Belém*.

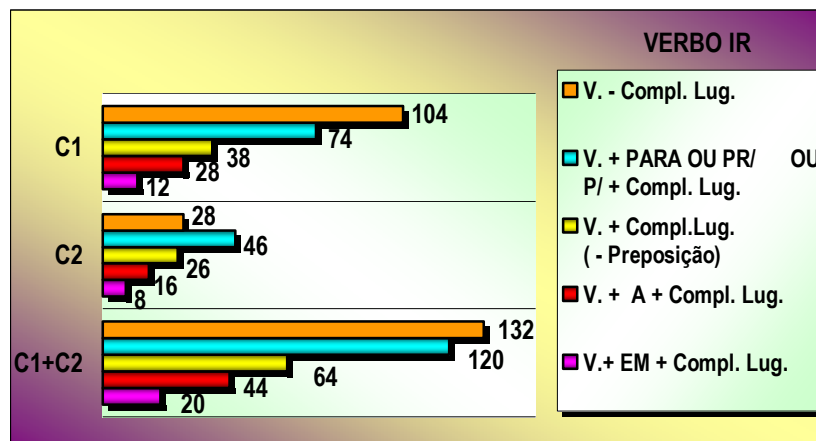
*Fui à feira. Não sei a que reunião eles foram. A que loja o senhor foi?.* Por que se, antes, Cegalla (1997: 437-438) comentou o verbo *chegar* com base também na “linguagem coloquial”, admitindo até a possibilidade de o verbo ser regido pela preposição **em**? Já da abordagem feita por Luft, destacamos a diferença entre **ir a** e **ir para**. Na primeira regência, subte-se *ir a um lugar sem intenção de lá demorar tampouco querer residir*. Segundo ainda o mesmo autor, no Brasil, prioriza-se **ir para** em detrimento de **ir a**, em especial na fala, independentemente das intenções “indicadas” ao seu emprego, sendo também comum a regência **ir em**. Ao final, Luft destacou o emprego do verbo **ir** regido pela preposição **para** ou **a** na “linguagem culta formal”, principalmente escrita, ao transcrever um trecho de uma carta de Mário de Andrade a Manuel Bandeira: “‘Os portugueses dizem *ir à cidade*. Os brasileiros: *na cidade*. Eu sou brasileiro’. Mesmo assim, em linguagem culta formal, sobretudo escrita, recomenda-se *ir a* ou *para*”. Postura esta assumida também no estudo sobre o verbo *assistir*.

Com base nas ponderações feitas anteriormente quanto à regência do verbo **ir**, conforme gráfico 21<sup>16</sup> a seguir, em nossa investigação averiguamos que os falantes de Fortaleza priorizaram a forma **ir, com omissão do complemento de lugar** (35% do total de 380, ou seja, 132 ocorrências); em seguida, a “tendência nacional”: **ir + preposição PARA + complemento de lugar**, cujo destaque se deu devido a variações como **ir pr/** e **ir p/** (80% de 120 casos, equivalendo estes a 31,5% do total anterior), e a forma **ir + complemento de lugar (sem preposição)**, o correspondente a apenas 17% do total de ocorrências nos dois *corpora*. Em penúltima posição, o verbo **ir** apresentou-se regido pela preposição **A** (11,5%), cujo destaque em relação à forma **ir + preposição EM + complemento de lugar** (só 5%) nos surpreendeu porque imaginávamos o inverso.

---

<sup>16</sup> Do total de 1658 ocorrências do verbo **ir**, quantitativa e qualitativamente, de nossa análise excluímos os casos relativos às regências em que o *complemento circunstancial* – com ou sem preposição – expressou idéia de *companhia, modo, tempo* etc (17,5%) e os casos em que “ir”, fazendo parte ou não de uma locução verbal, denotou um sentido bem distinto do que estudamos no momento (57,5%), sendo às vezes regido por outras preposições (2%). Limitamo-nos, portanto, a 23% ou 380 ocorrências do verbo **ir**, na acepção de *dirigir-se a algum lugar*.

GRÁFICO 21 – Frequência, em valores absolutos, do verbo **ir** de acordo com sua regência verbal, em ambos os *corpora*:

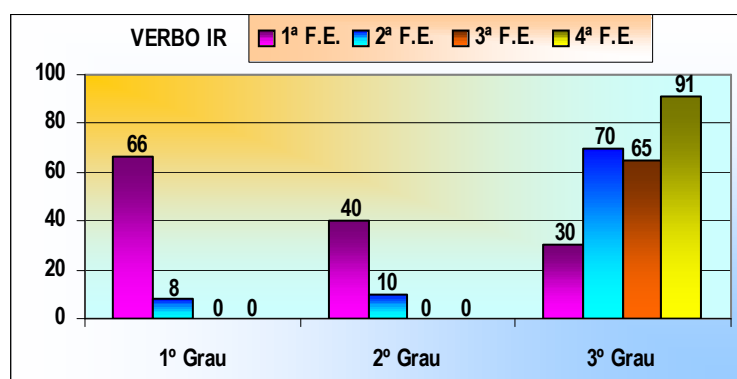


O referido gráfico revelou-nos ainda serem os dados do *Corpus 1* preponderantes sobre os do *Corpus 2* (256 casos *versus* 124 ou mesmo 67% e 33% do total de 380), divergindo entre si quanto à seqüência inicial das regências do verbo **ir** priorizada em cada um deles. Em C2, destacou-se a forma **ir + preposição PARA ou PR/ ou P/ + complemento de lugar** e, em seguida, **ir, com omissão do complemento de lugar**, equivalendo, respectivamente, a 37% e 23% do total de ocorrências no referido *corpus*. Salientamos que, em C2, a segunda regência verbal diferiu, quantitativamente, da terceira em apenas 2% ou dois casos. Enquanto, em C1, manteve-se a mesma seqüência constatada nos dois *corpora*. Nesse sentido, concluímos ser **ir, com omissão do complemento de lugar** *caso de norma* na linguagem falada em Fortaleza e as demais, *casos de uso*, mesmo tendo esta última regência se sobreposto em 3,5 % ou 12 ocorrências (do total em ambos os *corpora*) à “genuinamente brasileira” – **ir + preposição EM + complemento de lugar**. Implica dizer que, quantitativamente, a hipótese de que esta regência seria um *caso de norma* em relação às demais (*casos de uso*) não se confirmou, mas, qualitativamente, reiteramos o argumento de que a priorização de uma variável lexical e de uma sintática em detrimento de outra(s) se faz de acordo com o contexto sócio-interacional /pragmático, em especial devido à maneira como a entrevista se dá em cada *corpus* (ao tipo de registro), a uma “motivação temática” e ao papel desempenhado tanto pelo documentador quanto pelo informante no

processo interativo; e não de acordo com o que é prescrito pela tradição gramatical como “bom uso” ou “uso correto” da língua.

No que diz respeito às variáveis extralingüísticas faixa etária e nível escolar, de acordo com o gráfico 22, observamos que o verbo **ir** foi priorizado por informantes do 3º Grau, mais especificamente da 4ª. faixa etária (36% do total em C1 e 24% do total nos dois *corpora*). Cumpre salientar que, dos 91 casos, 20 (22%) foram empregados pelo informante de N° 05 e 53 (58%) pelo de N° 13, isto é, 73 (80%) do total na referida faixa. Verificamos, também, que houve uma “proximidade numérica” entre as principais ocorrências realizadas por informantes das demais faixas, destacando-se novamente os de nível superior: 70 ocorrências na 2ª. faixa etária do 3º Grau; 66 na 1ª. faixa etária do 1º Grau e 65 na 3ª. faixa etária do 3º Grau, equivalendo, respectivamente, a 18,5 %, 17,5% e 17% do total de casos nos dois *corpora*.

GRÁFICO 22 – Frequência, em valores absolutos, do verbo **ir**, de acordo com o nível escolar e a faixa etária dos informantes, em ambos os *corpora*:



A partir das considerações feitas a priori, afirmamos ter o documentador exercido um importante papel nos resultados da análise quantitativa referente ao verbo **ir**, em especial quando motivou o informante a falar, direta ou indiretamente, de temas do dia-a-dia, semelhante ao que ocorrera com o verbo **assistir**. No *Corpus 2*, por exemplo, o emprego do verbo **ir** se deu graças a assuntos como: estudo, “fatos desagradáveis”, momentos de descontração e lazer (festas, encontro com amigos, filmes, futebol, praias, viagens...) vida profissional, etc., como bem ilustram os trechos abaixo transcritos.

## Ex1

- 3 **INF:** mestre eu fiz um exame pra a Escola Técnica aí se eu passar eu **vou pra lá**,  
 4 **DOC:** Mhm.  
 5 **INF:** mas se eu não passar eu tou pensando em **ir pra o Nossa Senhora de Lourdes**,  
 6 **DOC:** Mhm mhm. E a turma aqui, é você sabe **pra onde é que eles vão?**  
 7 **INF:** alguns **vão pra o Nossa Senhora de Lourdes**, [...]
- 
- 15 **INF:** E, parece-me que o Sávio, ele **vai Ø** ele **vai pra o Sete de Setembro, né?**  
 16 mestra ele tava falando aí mas eu num sei se ele **vai pra o Sete de Setembro** ou  
 17 **vai pra o Cearense** eu tou em dúvida,
- 
- 33 **INF:** [...] eu acho que num deve culpar ninguém não porque se ele (“o torcedor”)\* **fosse**  
 34 **lá** ele não faria melhor, [...]
- 
- 125 **INF:** [...] no final  
 126 do filme a nave veio buscar ele (o *ET*)\* **foi embora** [...]
- 
- 130 **INF:** os amigos dele do outro planeta vieram já buscar ele pra ele **ir embora**,  
 131 **DOC:** Mhm mhm. E o *ET*? Sim, é e o menino que gostava do *ET*?  
 132 [...]  
 133 **INF:** sim  
 134 **DOC:** **Foi Ø** também?  
 135 **INF:** não **foi Ø** não, ele inclusive o *ET* chamou ele sabe [...]
- 
- 262 **DOC:** [...] Você disse que você sempre **vai a pra Paracuru?**  
 263 **INF:** **vou Ø** sempre,  
 264 **DOC:** Aí nessas férias agora você **vai Ø?**  
 265 [ ]  
 266 **INF:** **vou Ø**,
- (**INF07/C2 – p. 174, L3-7; L15-17; p. 175, L33 e 34; p. 178, L125 e 126; L130-134, p. 179, L135; p. 183, L262-266**)

## Ex2

- 205 **INF:** [...] olhei pro tempo vi tudo escuro tudo calmo disse  
 206 assim rapaz acho que já é tarde, aí peguei um táxi e **fui pra casa**,
- 
- 357 **INF:** [...] tomo  
 358 banho e **vou pro colégio**, todo dia, todo dia,  
 359 **DOC:** Mhm mhm,
- 
- 364 **INF:** [...] quando tem teste, porque quando num tem eh num quero nem saber de  
 365 livro, ((riso))  
 366 **DOC:** **Vai direto Ø** você **vai para cama ou pra rede?**  
 367 **INF:** é,
- 
- 765 **DOC:** E por que é que vocês num demoraram? Você **ia pra festinha** com ela? **Ø** Forró?  
 766 **INF:** **ia Ø** não, po acho que foi por isso [...]
- 
- 893 **DOC:** Mas você num gosta de ouvir no rádio?  
 894 **INF:** não,  
 895 **DOC:** De **ir no estádio?**  
 896 **INF:** não, isso não,
- 
- 922 **DOC:** Que que você sabe assim de alguma sobre estória interessante [...]



- 923 [...] sobre a casa veterinária, sobre os vende... os compradores?  
 924 Quem é que **vai** mais lá? É fazendeiro (que **vai** mais lá)? é criadorzinho pobre (que **vai** mais lá), é dono de granja (que **vai** mais lá)?  
 925 **INF**: não, **Ø vai** fazendeiro **Ø vai** dono de granja  
 -----  
 949 **DOC**: E os granjeiros **vão** muito **lá**  
 950 também? Onde é a tua loja?  
 951 é na na ali na Senador Pompeu,

(**INF14/C2** – p. 339, L205 e 206; p. 344, L357-359; p. 345, L364-367; p. 358, L765 e 766; p. 363, L893-896; p. 364, L922-925; p. 365, L949-951)

Em relação ao *Corpus* 1, destacamos os inquéritos de N° **05** e **13**, que se intitulam, respectivamente, “Forças Armadas, Profissões, Política” e “Saúde, espiritismo, instituições filantrópicas”, pois o emprego majoritário do verbo **ir** neles, conseqüentemente, na 4ª. faixa etária do 3º Grau, deu-se devido aos assuntos abordados por cada informante, como mostram os trechos abaixo. No primeiro, o entrevistado expôs sobre sua vida profissional na Marinha, sobre questões políticas, em especial quanto à impunidade no país, e sobre a forma como concebe a educação em geral, tendo em vista a própria experiência como professor; enquanto, no segundo, a entrevistada enfatizou “sua luta diária contra a cegueira”, justificando-se, pois, a freqüente referência a médicos (oftalmologistas), e sua dedicação ao espiritismo, cuja influência em sua vida foi evidenciada em seu discurso.

#### Ex1

- 58 **DOC**: [...] ... quando o senhor **foi** certo? a essa viagem (à Marinha)\* comé  
 59 que era? saíram todos  
 60 juntos daqui? ou **foram Ø**  
 61 **INF**: não  
 62 cada Estado mandava o seu a gente **foi Ø de avião**... [...]  
 -----  
 84 **INF**: [...] a rotina militar é uma coisa e... pra onde nós **fomos**  
 85 a rotina totalmente  
 86 diferente era um calendário a ser cumprido [...]  
 -----  
 121 **DOC**: [...] se um miliTAR um marinheiro desobedece a uma  
 122 determi vamo supor... eh... EXAGEra no seu poder [...]  
 123 [...] como é que eles são julgados?  
 -----  
 137 **INF**: ... é admoestado é censurado ele normalmente ele **vai so-mente...**  
 138 para o... Conselho Disciplina pra ele se justificar...  
 -----  
 650 **INF**: [...] a lei é pra ser assim “bom  
 651 acabou é ladrão sem vergonho bora” ((ruído)) caba num

652 **DOC:** certo  
 653 **INF:** ROU**ba**do... vem com dez quilo de maconha **vai pro...** Paulo  
 654 Sarasate [...]

-----  
 657 **INF:** é o Brasil é isso  
 658 **DOC:** que na Itália lá é corrupto é mas ((ruído))  
 659 **INF:** todo mundo **vai** pra cadeia  
 660 **DOC:** né? recebe  
 661 **INF:** pode e pode ser quem for **vai pra cadeia** ((ruído))

-----  
 666 **INF:** pode ser  
 667 adoles**CEN**te pode ser me**NOR**... **MENOR vai Ø**

(**INF05/C1** – p. 32, L58-62; p. 33, L84-86; p. 34, L121-123; L137 e 138; p. 47, L650-654; L657-661; L666 e 667)

## Ex2

52 **INF:** [...] eu tinha muita enxaqueca...  
 53 mas não aquilo continuou continuou e eu tive que **ir ao médico**

-----  
 71 **INF:** [...] ... pareceu  
 72 essa cata**RA**ta e eu fui fazer a opera**Ç**Ã**O**... depois de muito  
 73 tempo né?... aí o médico... sim eu **fui** ((ruído)) ... a... a quatro  
 74 médicos... quatro oculistas e ele desenganaram [...]

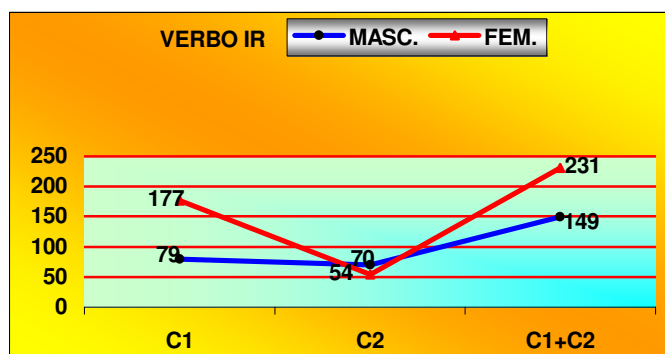
-----  
 82 **INF:** então eu **fui ao... meu médico** era o médico mesmo era o R. J...  
 83 **fui a ele** [...]  
 84 [...] pode fazer o que fizer mas você  
 85 num fica boa dele não ((canto de pássaro)) ele já é ele é  
 86 esclerosado... aí eu **fui a OUTro oculista** o M. V. muito bom...

-----  
 480 **INF:** ali pro lado do Demócrito Rocha acolá...  
 481 **DOC:** já ouvi falar  
 482 **INF:** pois é ((canto de pássaro)) ... aí nós **fomos Ø** ali era uma  
 483 pobreza... fazia pena aí nós **fomos Ø** porque tem um tinha um  
 484 Centro Espírita lá [...]

-----  
 503 eu vou... fazer alguma coisa por alguém pra ver se melhora  
 504 ((riu)) meu espírito né?... aí **fui Ø**...

(**INF13/C1** - p. 234, L52 e 53; L71-74; L82-84; p. 235, L85 e 86; p. 244, 480-484; p. 245, L503 e 504)

GRÁFICO 23 – Frequência, em valores absolutos, do verbo **ir**, de acordo com o sexo dos informantes, em ambos os *corpora*:



Tendo em vista os resultados obtidos na análise sobre o verbo **ir**, em relação às variáveis idade e nível de instrução dos informantes, bem como a disposição dos dados referentes ao supracitado verbo a partir da variável *sexo*, no gráfico acima, compreendemos melhor por que as mulheres empregaram preponderantemente o verbo **ir** em detrimento dos homens (231 ocorrências ou 61% *versus* 149 ou 39% do total de 380 em ambos os *corpora*). Do total relativo ao sexo feminino, verificamos que 77% pertencem ao *Corpus* 1, ou seja, 177 casos; conseqüentemente, destes 62 (35%) foram realizados por mulheres da 4ª. faixa etária<sup>17</sup>, dentre as quais destacamos a informante **13/1C**, que “definiu” 30% das realizações em C1 e 23% do total de ocorrências realizadas pelas mulheres nos dois *corpora*, de modo a também “influenciar”, quantitativa e qualitativamente, nos resultados em relação à variável extralingüística *sexo*.

<sup>17</sup> Em relação à 4ª. faixa etária, constituída por informantes apenas *do Corpus* 1, as 91 ocorrências do verbo **ir** estão assim distribuídas: **INF13/C1** (53), **INF5/C1** (20), **INF22/C1** (9) e **INF24/C1** (9). Destes, os de N° 13 e 24 são do sexo feminino e os outros dois, do masculino.

#### IV. CONCLUSÃO

Neste estudo, de teor sociolingüístico, analisamos contrastivamente os dados de 25 inquéritos, sendo 10 do Projeto “A linguagem falada em Fortaleza – Diálogos entre Informantes e Documentadores – materiais para estudo” e 15 do PORCUFORT (Português Oral Culto de Fortaleza). Para tanto, definimos algumas variantes lexicais (*tu* e *você*; *nós* e *a gente*) e sintáticas (verbos *assistir*, no sentido de “presenciar / estar presente”, e *ir*, no sentido de “dirigir-se a algum lugar”), para que pudéssemos examinar, quantitativa e qualitativamente, as variáveis lingüísticas priorizadas pelos fortalezenses; identificar os fatores lingüísticos e/ou extralingüísticos que influenciam as escolhas sintáticas e lexicais por eles feitas e, por último, especificar as variáveis lingüísticas que se configuram como *casos de norma* (de emprego majoritário) e como *casos de uso* (de emprego minoritário) na linguagem falada em Fortaleza, tendo em vista as seguintes hipóteses:

a) Quanto às variantes lexicais *tu* e *você*, destacar-se-á *você*, seguida de verbo na 3ª pessoa do singular, por se tratar de um diálogo entre informante(s) e documentador(es), ainda que a forma pronominal *tu*, seguida de verbo na 3ª pessoa do singular, seja bastante comum na linguagem falada em Fortaleza.

b) Em relação às variantes lexicais *nós* e *a gente*, destacar-se-á *a gente*, seguida de verbo na 3ª pessoa do singular, por ser uma forma pronominal “inovadora” tanto entre os mais jovens quanto os mais idosos.

c) Concernentemente às variantes sintáticas *assistir*, no sentido de “presenciar / estar presente” e *ir*, no sentido de “dirigir-se a algum lugar”, os fortalezenses priorizarão as regências: *assistir*, seguido de objeto direto (explícito ou não), e *ir*, seguido de complemento circunstancial de lugar precedido da preposição *em*, por serem bastante comuns na linguagem espontânea de Fortaleza.

d) Tendo em vista as escolhas lingüísticas feitas pelos fortalezenses, as variantes *você* e *a gente*, ambas seguidas de verbo na 3ª pessoa do singular; *assistir*, seguida de objeto direto, bem como *ir*, regida pela preposição *em*, serão tidas como *casos de norma* (de emprego majoritário) na linguagem falada em Fortaleza em relação às demais realizações, de emprego minoritário, que serão tidas como *casos de uso*.

e) As escolhas lingüísticas feitas pelos fortalezenses sofrerão mais influência de fatores extralingüísticos (idade e sexo dos sujeitos; situação comunicativa/tipo de registro; relação estabelecida entre os *interactantes* e uma possível motivação temática) do que de lingüísticos.

De acordo com os resultados de nossa investigação, das cinco hipóteses levantadas, três se confirmaram totalmente e duas, parcialmente, tendo em vista as peculiaridades de cada situação comunicativa, conforme evidenciamos a seguir:

a.1. Referentemente aos itens lexicais **tu/você**, mesmo que na linguagem falada em Fortaleza se empregue comumente o pronome **tu**, seguido de verbo na 3ª pessoa do singular, confirmamos nossa hipótese, visto terem os fortalezenses priorizado a segunda forma pronominal em detrimento da primeira, por razões tais como: em C1, o informante foi quem “conduziu prioritariamente o diálogo” ao expor impressões pessoais relativas ao(s) tema(s) especificado(s) para a entrevista, com uma abordagem mais informal, ou mesmo espontânea, chegando a “assumir a função de entrevistador”. Momento este em que ele passou a empregar mais o pronome **você**. É sabido, porém, que houve situações em que ele não hesitou em questionar o documentador quando julgou necessário fazê-lo, relevando assim seus conhecimentos e suas experiências concernentes ao(s) assunto(s) da entrevista. E, em C2, a preferência foi dada pelo documentador, que empregou o pronome **você** para se dirigir ao informante, na tentativa de obter respostas às suas perguntas, direta ou indiretamente, a partir de uma ficha social preenchida anteriormente pelo entrevistado. Às vezes, limitava-se o processo interativo a ponto de adotar o pronome **senhor(a)** como “uma alternativa” de tratamento entre ambos, sobretudo devido às variáveis idade (“mais jovem” x “mais velho”) e ao papel social desempenhado por cada interlocutor (aluno x “mestre”). Salientamos, porém, não ser o referido pronome de tratamento um item constitutivo de nossa análise contrastiva. Devido à própria situação comunicativa, nos dois *corpora*, o léxico **você** (na forma explícita e/ou não-explícita) assumiu distintos papéis semânticos, a saber: informante, documentador, “as pessoas em geral”, “sujeito gramatical de um verbo impessoal”, bem como “marcador conversacional”, destacando-se o primeiro devido às constantes interpelações que o documentador fazia ao informante.

b.1. No que diz respeito aos itens lexicais **a gente/nós**, o primeiro assegurou sua “posição de destaque” entre os informantes, principalmente entre os de 3ª e 4ª faixas

etárias do 3º Grau. Estes variaram a referência textual de **a gente** (na forma explícita e/ou não-explícita), segundo os assuntos abordados, equivalendo a: 1. informante + outras pessoas, excetuando-se documentador; 2. as pessoas em geral; 3. apenas informante e 4. informante + documentador, havendo destaque da primeira devido aos constantes “relatos” de situações vivenciadas pelo informante e outras pessoas com as quais, geralmente, possui um grau de afinidade e/ou um vínculo afetivo. Confirmamos, pois, a hipótese de que o pronome “a gente” seria empregado prioritariamente pelos fortalezenses, por ser uma forma pronominal “inovadora” tanto entre “os mais jovens” quanto “os mais idosos”.

c.1. Quanto à regência do verbo **assistir**, no sentido de “presenciar / estar presente”, confirmamos a hipótese de que os falantes de Fortaleza priorizariam a forma **assistir + objeto direto**, e não **assistir + objeto indireto**, já “consagrada” entre os gramáticos. Tal priorização, no *Corpus 1*, deve-se ao informante, que conduziu parte do tempo da entrevista; enquanto, no *Corpus 2*, deve-se diretamente às freqüentes interpelações que lhe foram feitas pelo documentador, sobretudo quando o interrogava sobre temas que suscitavam o emprego do referido verbo (exs.: esporte, estudo, lazer, etc.), havendo assim, em ambos os *corpora*, o mesmo tipo de motivação temática para se empregar a referida variante lexical. Contudo, não confirmamos a hipótese em relação à regência do verbo **ir**, no sentido de “dirigir-se a algum lugar”, porque, ao invés da forma **ir + preposição EM + complemento de lugar**, a qual imaginávamos que empregariam mais, os falantes de Fortaleza priorizaram a forma **ir, com omissão do complemento de lugar**, sendo esta empregada predominantemente pelos informantes do *Corpus 1*, por razões tais como: os assuntos tratados possibilitaram o emprego do verbo **ir** e a omissão da “expressão de lugar” se relacionou à idéia de já ter sido mencionada, “sendo, portanto, do conhecimento do(s) interlocutor(es)”; pressuposta por eles. Ao passo que, no *Corpus 2*, a regência verbal priorizada foi **ir + preposição PARA + complemento de lugar** e respectivas variações, apresentando-se como “uma forma concorrente”, em relação à regência priorizada em C1.

d.1. Tendo em vista as variáveis lingüísticas priorizadas em ambos os *corpora*, consideramos *casos de norma*, na linguagem falada em Fortaleza, as variantes lexicais *você* e *a gente*, ambas seguidas de verbo na 3ª pessoa do singular, e as regências verbais **assistir + objeto direto** e **ir, com omissão do complemento de lugar**, sendo, pois,

*casos de uso* as formas pronominais *tu*, seguida de verbo na 3ª pessoa do singular, e *nós*, seguida de verbo na 1ª pessoa do plural, assim como as formas verbais **assistir + objeto indireto**; **ir + preposição PARA + complemento de lugar**; **ir + complemento de lugar (sem preposição)**; **ir + preposição A + complemento de lugar** e **ir + preposição EM + complemento de lugar**. A partir desta constatação, concluímos que somente em relação à variante sintática *ir* não confirmamos a hipótese de que a forma verbal **ir + preposição EM + complemento de lugar** seria *caso de norma* na linguagem falada em Fortaleza, ou seja, teria emprego majoritário entre os fortalezenses. Excetuando-se o verbo *ir*, as demais variáveis lingüísticas foram priorizadas tanto por informantes do *Corpus 1* quanto do *Corpus 2*, independentemente do grau de instrução.

e.1. Apesar de o fator sexo não ter sido pertinente, qualitativamente, em nossa análise, concluímos que os resultados desta foram influenciados, direta ou indiretamente, por fatores extralingüísticos tais como: 1. a idade (“ser mais jovem” x “ser mais velho”) e o papel social desempenhado por cada interlocutor (aluno x “mestre”), que marcaram o emprego do pronome **você** (na forma explícita e/ou não-explícita), alternado com o do pronome “senhor”, ora havendo um tratamento mais formal ora informal entre informante(s) e documentador(es), não se podendo dizer o mesmo em relação à priorização da forma pronominal *a gente*, cujo emprego sugere uma forma “inovadora” de se tratar o interlocutor, em que não há formalidades entre os mais jovens e os mais idosos; 2. os temas abordados (festas, encontro com amigos, filmes, futebol, praias, viagens, vida profissional, etc.) e a forma como o documentador conduziu a entrevista (a relação estabelecida entre os *interactantes*), que foram tão importantes quanto decisivos para os resultados de nosso estudo, sobretudo em relação ao emprego dos verbos *assistir* e *ir*.

Deste modo, a partir de nossa investigação, voltada ao conhecimento da língua falada em Fortaleza, novos estudos contrastivos poderão ser desenvolvidos, sobretudo em uma perspectiva sociolingüística, desvinculando-se de qualquer preconceito social, visto que, segundo Lyons: “*Há toda sorte de preconceitos sociais e nacionalistas associados com a língua, e muitas falsas concepções populares, estimuladas pela versão deformada da gramática tradicional que é comumente ensinada nas escolas. E é realmente difícil libertarmos nossa mente desses preconceitos e dessas falsas concepções, mas esse primeiro passo é necessário e compensador.*”

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

ALÉONG, S. Normas lingüísticas, normas sociais: uma perspectiva antropológica. In: BAGNO, M. **Norma Lingüística**. São Paulo: Loyola, 2001. p. 145-174.

BAGNO, M. **Norma Lingüística**. São Paulo: Loyola, 2001.

BARROS, D.L.P. de. A propósito do conceito de discurso urbano oral culto: definições e imagens. In: PRETI, D. (org.). **O discurso oral culto**. São Paulo: Humanistas Publicações FFLCH / USP – Projetos Paralelos NURC / SP, v. 2, 1997.

\_\_\_\_\_. Procedimentos e recursos discursivos da conversação. In: PRETI, D. (org.). **Estudos da língua falada: variações e confrontos**. São Paulo: Humanistas Publicações FFLCH / USP – Projetos Paralelos NURC / SP, v.3, 1999.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37.ed. rev. e ampl. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BRAIT, B. Elocução formal: o dinamismo da oralidade e as finalidades da escrita. In: PRETI, D. (org.). **Estudos da língua falada: variações e confrontos**. São Paulo: Humanistas Publicações FFLCH / USP – Projetos Paralelos NURC / SP, v.3, 1999.

CASEVITZ, M.; CHARPIN, F. A Herança Greco-Latina. In: BAGNO, M. **Norma Lingüística**. São Paulo: Loyola, 2001. p. 23-53.

CASTILHO, A.T. de. **A língua falada no ensino de português**. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2002.

CEGALLA, D.P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 40.ed. São Paulo: Nacional, 1997.

CORBEIL, J.C. Elementos de uma teoria de regulação lingüística. In: BAGNO, M. **Norma Lingüística**. São Paulo: Loyola, 2001. p. 175-201.



CUNHA, C. ; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FÁVERO, L.L. ; OLIVEIRA ANDRADE, M.L.C.V. Os processos de representação da imagem pública nas entrevistas. In: PRETI, D. (org.). **Estudos da língua falada: variações e confrontos**. São Paulo: Humanistas Publicações FFLCH / USP – Projetos Paralelos NURC / SP, v.3, 1999.

KOCH, I.G.V. Gramática do português falado. Campinas: UNICAMP, 1996.

LEITE, M.Q. Língua falada: uso e norma. In: PRETI, D. (org.). **Estudos da língua falada: variações e confrontos**. São Paulo: Humanistas Publicações FFLCH / USP – Projetos Paralelos NURC / SP, v.3, 1999.

LUCCHESI, D. Variação e norma: Elementos para uma caracterização sociolingüística do português do Brasil. **Revista Internacional de Língua Portuguesa**. Brasil, n.12, Dez. 1994.

LUFT, C.P. **Dicionário prático de regência verbal**. 8.ed. São Paulo: Ática, 2000.

MARCUSCHI, L.A. **Análise da conversação**. 4.ed. São Paulo: Ática, 1998.

MATTOS E SILVA, R.V. Variação, Mudança e Norma: Movimentos no interior do português brasileiro. In: CARDOSO, S.A.M. **Diversidade Lingüística e Ensino**. Salvador: UFBA, 1996.

MONTEIRO, J.L. **Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil**. Fortaleza: UFC, 1994.

PADLEY, G.A. A norma na tradução dos gramáticos. In: BAGNO, M. **Norma Lingüística**. São Paulo: Loyola, 2001. p. 55-95.

REY, A. Usos, julgamentos e prescrições lingüísticas. In: BAGNO, M. **Norma Lingüística**. São Paulo: Loyola, 2001. p. 115-144.

ROCHA LIMA, C.H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 35.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

SOARES, M. Elias. **As formas de tratamento nas interações comunicativas: uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza**. Rio de Janeiro, PUC. 1980. 157 fl. (Dissertação de Mestrado).

TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolingüística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2001.

## ANEXO I (1) – FICHA INDIVIDUAL

**CORPUS I – PORCUFORT – 14 informantes**

Tipo de Registro: Diálogos entre documentador e informante
--

Nº do inquérito: \_\_\_\_\_ Duração do inquérito: \_\_\_\_\_ Pág.: \_\_\_\_\_ a \_\_\_\_\_ Informante: \_\_\_\_\_  
 Faixa etária: \_\_\_\_\_ Nível Escolar: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_  
 Tema(s): \_\_\_\_\_

TIPO(S) DE OCORRÊNCIA <sup>18</sup> – DOCUMENTADOR / INFORMANTE											
VOCÊ /sujeito/	D	INF	Ø (VOCÊ) /sujeito/	D	INF	TU (V. 2ª. PES. SING.) /sujeito/	D	INF	TU (V. 3ª. PES. SING.) /sujeito/	D	INF
Ø (TU) /sujeito/	D	INF	A GENTE /sujeito/	D	INF	Ø (A GENTE) /sujeito/	D	INF	OUTRAS REALIZAÇÕES	D	INF

## LEGENDA:

/ / = assume a função sintática de  
 Ø = OMISSÃO

D = DOCUMENTADOR  
 INF = INFORMANTE

<sup>18</sup> No item TIPO(S) DE OCORRÊNCIA, especificamos as realizações das variantes lexicais e sintáticas estudadas.

## ANEXO I (2) – FICHA INDIVIDUAL

**CORPUS I – PORCUFORT** – 14 informantes

Tipo de Registro: Diálogos entre documentador e informante

Nº do inquérito: \_\_\_\_\_ Duração do inquérito: \_\_\_\_\_ Pág.: \_\_\_\_\_ a \_\_\_\_\_ Informante: \_\_\_\_\_  
 Faixa etária: \_\_\_\_\_ Nível Escolar: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_  
 Tema(s): \_\_\_\_\_

TIPO(S) DE OCORRÊNCIA – DOCUMENTADOR / INFORMANTE											
ASSISTIR + O. I.	D	INF	ASSISTIR + O. D.	D	INF	ASSISTIR – COMP. VERB.	D	INF	IR + Prep. A + COMP.LUG.	D	INF
IR + Prep. PARA + COMP.LUG.	D	INF	IR + Prep. EM + COMP.LUG.	D	INF	IR + COMP.LUG. (– Prep.)	D	INF	IR – COMP.LUG	D	INF

## LEGENDA:

O. I. = OBJETO INDIRETO

O. D. = OBJETO DIRETO

COMP. VERB. = COMPLETO VERBAL (OD / OI)

+ (por exemplo, após o verbo) = “acrescido de”

- (por exemplo, após o verbo ou o complemento de lugar) = “diminuído de”

Prep. = PREPOSIÇÃO

Out. Prep. = OUTRA PREPOSIÇÃO

COMP. LUG. = COMPLEMENTO DE LUGAR

## ANEXO I (3) – FICHA INDIVIDUAL

*CORPUS I – PORCUFORT* – 14 informantes

Tipo de Registro: Diálogos entre documentador e informante

Nº do inquérito: \_\_\_\_\_ Duração do inquérito: \_\_\_\_\_ Pág.: \_\_\_\_\_ a \_\_\_\_\_ Informante: \_\_\_\_\_

Faixa etária: \_\_\_\_\_ Nível Escolar: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Tema(s): \_\_\_\_\_

TIPO(S) DE OCORRÊNCIA – DOCUMENTADOR / INFORMANTE											
IR + Out. Prep. + COMP.LUG.	D	INF	IR + Out. Comp. Circ.	D	INF	IR (denota outro sentido)	D	INF		D	INF

## LEGENDA:

Out. Comp. Circ. = Outro Complemento Circunstancial





















## ANEXO III (1) – FICHA RESUMITIVA

CORPUS I – PORCUFORT – 14 informantes

CORPUS II – Dialectos Sociais Cearenses – 10 informantes

CORPORA	TIPO(S) DE OCORRÊNCIA – DOC. / INF.															
	A GENTE	Nº	D	INF	NÓS	Nº	D	INF	VOCÊ	Nº	D	INF	TU	Nº	D	INF
C1																
	TOTAL				TOTAL									TOTAL		
CORPORA	TIPO(S) DE OCORRÊNCIA – DOC. / INF.															
	A GENTE	Nº	D	INF	NÓS	Nº	D	INF	VOCÊ	Nº	D	INF	TU	Nº	D	INF
C2																
	TOTAL				TOTAL									TOTAL		
CORPORA	TIPO(S) DE OCORRÊNCIA – DOC. / INF.															
	ASSISTIR + COMP. VERB.	Nº	D	INF	ASSISTIR – COMP. VERB.	Nº	D	INF	IR (+ Prep.)	Nº	D	INF	IR (– Prep.)	Nº	D	INF
C1																
	TOTAL				TOTAL									TOTAL		
CORPORA	TIPO(S) DE OCORRÊNCIA – DOC. / INF.															
	ASSISTIR + COMP. VERB.	Nº	D	INF	ASSISTIR – COMP. VERB.	Nº	D	INF	IR (+ Prep.)	Nº	D	INF	IR (– Prep.)	Nº	D	INF
C2																
	TOTAL				TOTAL				TOTAL				TOTAL			